



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES  
MESTRADO PROFISSIONAL EM LETRAS  
CAMPUS DE CAJAZEIRAS**

**FRANCISCO JOSÉ RIBEIRO**

**VIAGEM A SÃO SARUÊ, A IDADE DO OURO E O CORDEL COMO GÊNERO DE  
INICIAÇÃO À LEITURA PARA UMA TURMA DE EJA**

**CAJAZEIRAS-PB**

**2020**

**FRANCISCO JOSÉ RIBEIRO**

**VIAGEM A SÃO SARUÊ, A IDADE DO OURO E O CORDEL COMO GÊNERO DE  
INICIAÇÃO À LEITURA PARA UMA TURMA DE EJA**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Letras – Linguagens e Letramentos (PROFLETRAS), da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), Campus de Cajazeiras-PB, como requisito para obtenção do Grau de Mestre em Letras.

Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa

**CAJAZEIRAS-PB**

**2020**

Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764  
Cajazeiras - Paraíba

R484v Ribeiro, Francisco José.  
Viagem a São Saruê, a idade do ouro e o cordel como gênero de  
iniciação à leitura para uma turma de EJA / Francisco José Ribeiro. -  
Cajazeiras, 2020.  
83f.: il.  
Bibliografia.  
Orientador: Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa.  
Dissertação (Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS) UFCG/  
CFP, 2020.  
  
1. Cordel. 2. Idade do ouro. 3. Leitura. 4. Aluno-leitor. 5. Educação de  
Jovens e Adultos - EJA. 6. Literatura popular. I. Sousa, Elri Bandeira de.  
II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de  
Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 82-91.09(043.3)

FRANCISCO JOSÉ RIBEIRO

VIAGEM A SÃO SARUÉ, A IDADE DO OURO E O CORDEL COMO GÊNERO DE  
INICIAÇÃO À LEITURA PARA UMA TURMA DE EJA

Dissertação apresentada ao Programa do Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS – da Universidade Federal de Campina Grande – Campus de Cajazeiras, na área de concentração *Linguagens e Letramentos*, linha de pesquisa *Leitura e Produção Textual: diversidade social e práticas docentes*, como requisito parcial para a obtenção de título de Mestre em Língua Portuguesa, sob a orientação do Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa.

Aprovado em: 06/05/2020

Banca Examinadora

*Elri Bandeira de Sousa*

Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa

(UAL/UFCG – Orientador)

**PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA**

Prof. Dr.ª Daise Lilian Fonseca Dias

(UFCG – Examinadora 1)

**PARTICIPAÇÃO POR VIDEOCONFERÊNCIA**

Prof. Dr.ª Silvana Vieira de Sousa

(UFCG – Examinador 2)

Prof. Dr. Nelson Eliezer Ferreira Júnior – (UFCG)

(UFCG – Suplente)

À minha mãe Marcelina Maria Ribeiro eterna incentivadora e admiradora do saber. Pela sua longevidade e lucidez que lhe permitiu vivenciar comigo essa vitória.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pela vida e a manutenção abençoada dela. Por todos os livramentos nessa jornada de quatrocentos quilômetros semanais durante um ano inteiro de estudo presencial.

À minha esposa e filhos pelo seu apoio e incentivo incondicionais.

À minha numerosa família representada por minha mãe Marcelina Maria Ribeiro e meus doze irmãos. Pela vibração e a alegria, que certamente sentiram, de me ver cursando e concluindo esse curso tão desejado.

Agradecimento especial a meu irmão Niltávor, por estar sempre comigo, desde o dia do concurso e a incerteza da aprovação até o dia da defesa da dissertação.

Aos abençoados colegas de curso, pela ajuda recebida deles nos momentos de angústia. Tínhamos, quase todos, as mesmas dificuldades em comum: distância, intransigência de algumas instituições das quais fazíamos parte em não colaborar com a cedência dos cursistas nos dias de estudo coletivo.

Ao pessoal do administrativo que servia no pavilhão do Profletras. Pela atenção e presteza deles, quando solicitávamos alguma coisa.

À excelente equipe dos Professores Doutores da UFCG, campus Cajazeiras, pelo conhecimento passado com competência e simplicidade, especialmente ao Professor Doutor Elri Bandeira por, além de me ajudar na orientação, ainda enviar voluntariamente materiais para a fundamentação da dissertação.

À Professora Doutora Rose Leite, coordenadora do curso Profletras. Personificação da competência e da bondade.

A duas colegas de curso: Natália e Mariza por sua companhia e ajuda nas enfadonhas viagens semanais.

E finalmente ao povo hospitaleiro de Cajazeiras, que desde a uma pequena informação ao acolhimento em sua casa, contribuiu para a conclusão deste projeto.

Toda via é um bom caminho  
Todo caminho leva a algum lugar  
Todavia, não sigo caminhos  
Se há caminhos prontos para trilhar.  
Abro vias  
Por onde não havia  
Veredas, estradas rodovias  
(O Caminho, Elri Bandeira, 2017)

## RESUMO

Este trabalho pautou-se na tríade: cordel, idade do ouro e educação. Analisou o cordel *Viagem a São Saruê* de Manuel Camilo dos Santos que traz como temática uma viagem imaginária a um país também imaginário e perfeito. Um cordel que convida ao leitor, pensar, Ser sujeito do seu próprio ser. Pretendeu-se, além de analisar, propor o gênero cordel como uma leitura agradável e não só como entretenimento, mas também como instrumento didático e de transformação social, uma vez que a literatura, especialmente na leitura fantástica, contribui para formar um sujeito pensante e reflexivo. Apresenta-se, portanto, nesta dissertação a proposta de utilização do cordel como ferramenta pedagógica no ensino de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos. Este trabalho fundamentou-se em autores que discorreram sobre a Idade do Ouro, como Le Goff (2013), Minois e Holanda (2004), acerca da leitura embasou-se nos fundamentos de Koch (2005; 2018) dentre outros. Sobre cordel destacam-se autores, que não só escreveram sobre cordel, como o fizeram com fins didáticos, como Marinho e Pinheiro (2012), Viana (2010). As reflexões acerca da teoria que embasa este trabalho, bem como da experiência prática por meio da realização de uma oficina de cordel em sala de aula, com alunos de uma turma de EJA sugerem que ao se analisar um cordel que trouxe como temática uma viagem imaginária a um país também imaginário e perfeito, um cordel que convida ao leitor, pensar, abrem-se reflexões acerca do Ser sujeito do seu próprio ser, certamente preparando leitores proficientes.

**PALAVRAS-CHAVE:** Cordel. Idade do Ouro. Leitura. EJA.



## **ABSTRACT**

This work was based on the triad: cordel, golden age and education. Analyzed the cordel trip to São Saruê by Manuel Camilo dos Santos, whose theme is an imaginary trip to a country that is also imaginary and perfect. A string that invites the reader to think, to be the subject of his own being. It was intended, in addition to analyzing, to propose the cordel genre as a pleasant reading and not only as entertainment, but also as a didactic and social transformation tool, since literature, especially in fantastic reading, contributes to form a thinking subject and reflective. Therefore, this dissertation presents the proposal to use cordel as a pedagogical tool in the teaching of Portuguese in Youth and Adult Education. This work was based on authors who discussed the Golden Age, such as Le Goff (2013), Minois and Holland (2004), about reading based on the fundamentals of Koch (2005; 2018) among others. About cordel, authors stand out, who not only wrote about cordel, but also did it for educational purposes, such as Marinho and Pinheiro (2012), Viana (2010). The reflections about the theory that underlies this work, as well as the practical experience through the realization of a cordel workshop in the classroom, with students from an EJA class suggest that when analyzing a cordel that brought an imaginary trip as the theme to a country that is also imaginary and perfect, a string that invites the reader to think, reflections are opened about the Being subject of his own being, certainly preparing proficient readers.

**KEYWORDS:** Cordel. Golden Age. Reading. EJA.

## **LISTA DE SIGLAS**

**IPHAN** - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

**OCDE** – Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico.

**PISA** – *Programme for International Student Assessment*.

**PNE** – Plano Nacional de Educação.

**IBGE** – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

**EJA** – Educação de Jovens e Adultos.

**PCN** – Parâmetros Curriculares Nacionais.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

<b>GRÁFICO 1</b>	Demonstrativo do resultado referente à leitura- Pisa 2018.....	49
<b>GRÁFICO 2</b>	Média Nacional de Analfabetismo.....	50
<b>FIGURA 1</b>	Taxa de analfabetismo em 2018 - População de 15 anos ou mais..	51

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2</b>	<b>LITERATURA UTÓPICA: A IDADE DO OURO – ORIGEM.....</b>	<b>15</b>
2.1	As grandes navegações- descobertas de novas terras.....	17
2.1.1	O discurso político e a Idade do Ouro.....	18
2.1.2	Anos dourados dos anos 1960: paz e amor.....	19
2.2	A Idade do Ouro em outros povos fora da Europa.....	20
2.3	Platão, Atlântida e o seu conceito de felicidade.....	24
2.4	Idade de Ouro ou raça de ouro? .....	25
<b>3</b>	<b>O CORDEL – ORIGEM E ADAPTAÇÃO AO BRASIL.....</b>	<b>27</b>
3.1	Ciclos temáticos do Cordel e a retextualização de obras consagradas.....	29
3.2	Um marco na Literatura de Cordel.....	31
3.3	Organização composicional do Cordel e a arte visual na Xilogravura.....	34
3.4	Contribuições exteriores para a consolidação da Literatura de Cordel no Brasil.....	35
3.5	O público-alvo da Literatura de Cordel.....	36
3.6	A luz e a influência na leitura e interação na família.....	38
3.7	Grandes escritores de Cordel e autoria.....	39
3.8	Análise do Cordel: Viagem a São Saruê.....	40
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES SOBRE LEITURA.....</b>	<b>47</b>
4.1	Concepções de leitura.....	48
4.1.1	Objetivos de leitura.....	50
4.1.2	A escola como lugar de excelência da leitura.....	51
4.1.3	O Analfabetismo no Brasil.....	52
4.1.4	Analfabetismo funcional.....	54
4.2	A leitura do texto literário na sala de aula.....	55
<b>5</b>	<b>O CORDEL COMO GÊNERO DE LEITURA ATRAENTE PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS.....</b>	<b>57</b>
5.1	Cordel e poesia popular – poema e poesia.....	58

<b>6</b>	<b>PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: OFICINA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE CORDEL.....</b>	<b>62</b>
<b>7</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>69</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>71</b>
	<b>ANEXOS.....</b>	<b>74</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Desde os primórdios da criação que o homem busca a felicidade plena. Para o Cristianismo, a vida no Paraíso seria a realização dessa busca, não fosse a desobediência e conseqüentemente a perda da condição de viver lá. Daí a esperança de uma reconciliação vinda pelo Messias. Entretanto, mesmo para aqueles que não professam a fé cristã, as demais crenças e/ou não crenças também de certa forma se esforçam e buscam a felicidade. O fato é que, seja ela tendo ficado no passado, no Jardim do Éden, ou no futuro, num possível retorno para esse lugar preparado desde a fundação do Mundo, baseado na fé cristã, ou somente no futuro para o resto da humanidade, todos buscam a seu modo a paz, a saúde, a fartura, a justiça e tudo isso de forma permanente. Em resumo: a felicidade.

A forma de esperar e/ou buscar a felicidade varia sobremaneira entre a humanidade devido às diferentes formas de ver o mundo. Segundo Leonardo Boff (1997, p. 2), “Cada um lê com os olhos que tem e interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é a vista de um ponto”. Assim sendo é razoável que a forma como é vista essa felicidade varie entre as muitas crenças existentes, comportamentos e tradições. Podem existir vários caminhos e/ou meios e diferentes formas de ver, mas há um ponto em comum a todas que é a plenitude do prazer eterno.

Para muitos, essa felicidade é terrena, virá pela ciência. Os cientistas desenvolverão tratamento e cura para todas as doenças. A tecnologia desenvolverá máquinas agrícolas para a produção de alimentos para todos os povos e, com investimento na educação, haverá entendimento entre as nações e não haverá mais guerra. Ainda não é uma prática comum a todos, mas para alguns que acreditam nesse mundo altamente autossuficiente e dispõem de recursos também hipersuficientes estão congelando sementes, órgãos e até corpos inteiros para assim poderem alcançar essa tão esperada evolução da ciência, ou seja, tempo de “ressurreição” e banimento das doenças e conseqüentemente da tão indesejada morte. A esse respeito René Descartes (1989, p. 81-82) afirma:

“[...] é possível chegar a conhecimentos muito úteis à vida, e que, ao invés dessa filosofia especulativa ensinada nas escolas, pode-se encontrar uma filosofia prática, mediante a qual, conhecendo a força

e as ações do fogo, da água, do ar, dos astros, dos céus e de todos os outros corpos que nos rodeiam, tão distintamente como conhecemos os diversos ofícios de nossos artesãos, poderíamos empregá-las do mesmo modo em todos os usos a que são adequados e assim nos tornarmos como que senhores e possesores da natureza.”

Diante disso, há quem defenda a crença de que tudo se resolverá com o domínio da ciência sobre a natureza.

Até os extremistas do terror, denominados homens-bomba, se submetem à morte cruel explodindo-se e levando dezenas de pessoas consigo à morte, com a esperança de que o seu “heroísmo” lhe trará recompensa no paraíso. Há facções religiosas que prometem aos seus “heróis”, entre outras coisas maravilhosas na vida futura, a posse de belas mulheres.

A filosofia não explica a felicidade, até porque não é seu objetivo dar conceitos e explicações; seu objetivo é questionar e investigar. Há de se convir que felicidade, como assim diz a música de natal, “é brinquedo que não existe” e ainda como diz a sabedoria popular, “felicidade não existe, o que existem são momentos felizes”. Como já foi mencionado anteriormente acerca do ponto de vista que individualiza as pessoas, é possível afirmar que um aborígine, no seu habitat, mesmo com todas as dificuldades vistas pelos civilizados, é menos feliz do que um morador das grandes cidades “civilizadas”? O que o faz feliz como uma caçada bem sucedida não seria objeto de grande felicidade? O indivíduo não inclui o que não conhece como item que o torna feliz ou contribui para sua felicidade. Lembrando que como foi exposto por Boff (1997, p. 2) “todo ponto de vista é a vista de um ponto”.

Entretanto, essa busca por felicidade termina sendo benéfica porque dá sentido à vida. Quantas pessoas vivem por viver, sem autoestima e sem perspectiva, outras chegam ao extremo de atentarem contra a própria existência.

Historicamente esse mundo de felicidade eterna é denominado por diversos autores como “idade do ouro”, começando por Hesíodo, na Grécia, na literatura mitológica, o qual é seguido posteriormente por muitos outros.

A idade do ouro é inconscientemente buscada por todas as gerações e civilizações. Mesmo as comunidades primitivas e culturas que não utilizam a escrita, fazem uso da oralidade como forma de perpetuar suas crenças e tradições. Muitas das tais conservam mitos e lendas como forma de explicar os fenômenos e coisas

sobrenaturais e quase sempre culminam com uma proposta moralizante e/ou a promessa de uma recompensa extraordinária advinda dos deuses.

Assim sendo, a não observação do que se poderia chamar de “mandamentos” das divindades, poderia despertar-lhes a ira e trazer consequências drásticas para toda a comunidade, tais como vulcões em erupção, terremotos, enchentes, secas, doenças e muitos outros males que seriam o lado oposto da felicidade.

De acordo com o cristianismo, a perda da felicidade eterna para a humanidade adveio da desobediência de Eva, ou seja, o não cumprimento de um único mandamento que lhe fora dado por Deus que seria não comer da fruta proibida da árvore que dava o conhecimento do bem e do mal. Entretanto como a fruta era desejável à vista, ela não só a comeu, como também induziu o seu marido, Adão, a comê-la. A esse respeito, assim está escrito nas escrituras hebraicas: “E vendo a mulher que aquela árvore era boa para se comer, e agradável aos olhos (...) comeu e deu também a seu marido e ele comeu com ela” (BÍBLIA, Gênesis, 3:6).

Há semelhança entre o fato bíblico, que pertence à tradição judaico-cristã, e o mito de Pandora, que é um mito grego. A personagem desse último, ao abrir um jarro terminou por disseminar todos os males que assolam hoje a humanidade.

Este trabalho procurou abordar esse instigante assunto de anseio da humanidade por uma vida feliz, eterna e sem sofrimento, denominado Idade do Ouro, não somente pela mitologia e/ou escritores de renome internacional, embora eles tenham servido de base de pesquisa e tenham dado importante contribuição, mas por uma literatura bem brasileira e mais precisamente nordestina, o cordel.

Esse gênero possui linguagem simples e se apresenta organizado sob estrutura poética – estrofe, metro e rima – os temas geralmente próximos da realidade dos leitores, a exemplo de catástrofes como secas e enchentes, valentia de heróis, religiosidade e esperteza das personagens, entre outros. Essas características contribuíram para que o cordel resistisse aos anos, às inovações tecnológicas, adaptando-se a elas. Isso mostra a influência e importância do cordel que tanto serviu inicialmente para divulgar informações, quando a comunicação no Brasil era muito precária, como no exercício da sua função principal, que é proporcionar entretenimento.

O cordel analisado neste trabalho se configura como um clássico no gênero, intitulado *Viagem a São Saruê*, de Manoel Camilo dos Santos, que relata uma



viagem fantástica a um país de fartura e felicidade. Um autêntico exemplar da tão desejada Idade do Ouro.

A escolha desse título ocorreu por conta de se constituir como uma obra da literatura de cordel que permite a visita a universos em que a criação do fantástico é uma fuga para a infelicidade e desigualdades sociais presentes na sociedade. Embasa, de maneira eficiente, a proposta aqui traçada assumindo o papel de instrumento para ampliar o horizonte de leitura dos educandos de forma consciente e consistente com os objetivos do letramento literário. Assim, justifica-se que os folhetos de cordel, em destaque *Viagem a São Saruê*, promovem a ruptura com os limites do espaço e tempo pela experiência estética e de informação para o leitor, em decorrência da variedade de linguagem literária, fruição estética e crítica literária.

Compreende-se que esta pesquisa se configura como uma contribuição para docentes, sinalizando propostas de trabalho em sala de aula, levando em conta que o Cordel é um material de fácil acesso e leitura, sendo possível inseri-lo na escola, e mais ainda na sala de aula, como um importante instrumento pedagógico capaz de desvelar motivação para a leitura. Pode também abrir reflexões para futuras pesquisas acerca da temática, na perspectiva de o Cordel ampliar seu papel de gênero, despertando a renovação de seus temas, de seus autores e de seus leitores.

O presente trabalho tem a seguinte estrutura: no capítulo 1, apresenta-se a introdução; no 2, intitulado “Literatura utópica: a Idade de Ouro – Origem”, discute-se a relação de sentido entre o que ela significa, com a temática do cordel “Viagem a São Saruê”; no capítulo 3, fala-se do cordel, origem e adaptação ao Brasil; no 4, fazem-se algumas considerações sobre leitura; no 5, apresenta-se o cordel como uma leitura atraente para uma turma da Educação de Jovens e Adultos; no 6, traz-se o esboço da oficina, que é a intervenção pedagógica. Por fim, procede-se às considerações finais e apresentam-se as referências que serviram de ponto de apoio crítico-teórico para o desenvolvimento do raciocínio.

Apresenta-se ainda nesta dissertação a proposta de utilização do cordel como ferramenta pedagógica no ensino de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos. Em virtude de o cordel ser uma literatura popular e acessível e trazer temas diversos e instigantes para o público adulto.

## **2 LITERATURA UTÓPICA: A IDADE DO OURO – ORIGEM**

Essa tendência literária originou-se da iniciativa de autores que pretendiam construir sociedades imaginárias, enfocando mais especificamente a questão de como trabalharam com as ideias de igualdade, desigualdade, diferença, e a maneira de pensar um sistema social e um espaço de convivência para as sociedades que imaginaram. Indagações como essas surgem em todas as utopias imaginadas até hoje, pois são questões reais, concretas, existentes nas sociedades em que vivemos, sendo assim possível imaginar utopias e sociedades imaginárias.

A Narrativa Utópica apresenta características discursivas, quando se faz um paralelo com outras formas de narrativas. Percebe-se, portanto, as seguintes características aqui brevemente comentadas: 1- Construção de um mundo ideal como alternativa ao real: aponta um mundo ideal como alternativa a um mundo real compartilhado pelo autor e pelo leitor. 2- Antropocentrismo: A mudança da realidade imperfeita para um mundo perfeito ocorre somente na utopia. Isso devido à crença de que o Mal não é algo que não admite recursos, mas um desvio do mundo e dos homens, visto que o próprio homem, por sua vontade de superação e auto superação, pode exceder e fazer cessar o mal. 3 - Código legislativo- Como extraordinário mito do autor utopista, a lei abre oportunidades de mudar o “dever-ser” em “ser”, agir com a capacidade que sua inspiração consegue ver e se transforma traduz em norma e aplicação (TROUSSON, 2004, p. 35-36); 4 - Princípio da utilidade: O legífero compreende a sociedade utópica como uma máquina que nunca falha. Diante disso, sua funcionalidade se configura como principal qualidade, uma vez que, tudo na sociedade do gênero utópico, acontece para um fim e possui uma função: “Nada de inútil e sobretudo nada de nocivo, mas tudo dirigido para uma meta de utilidade” (TROUSSON, 2004, p. 49); 5 - Uniformidade social: caracteriza-se como uma sociedade absolutamente racionalizada, assim o enredo utópico não se constitui de conflitos entre personagens e seu meio; 6 - Dirigismo: por apresentar um único direcionamento, os habitantes da utopia são considerados rebanho; 7- Sonho de felicidade coletiva: visa-se o bem-estar coletivo para a orientação social da utopia; 8 - O herói coletivo: por ser regida por normas, a utopia não admite divergências que possam ameaçar o pensamento que se almeja como universal. Sendo assim, “a utopia ignora prudentemente as personalidades excepcionais e as grandes individualidades criadoras, precisamente porque elas são inevitavelmente divergentes e em ruptura com as normas” (TROUSSON, 2004, p. 49-50); 9 -

Ausência do Mal: o mal não é permitido na utopia, pois é considerado como uma ideia errônea que precisa ser superada; 10 - Narrador-testemunha: o herói não se configura como personagem da Narrativa Utópica, porém o narrador é sinalizado como fundamental para caracterizar o gênero. Constitui-se, portanto, a verdadeira Narrativa Utópica de narradores-testemunhas: um denominado heterodiegético narra de seu encontro com o outro chamado autodiegético que por sua vez descreve para o ouvinte intratextual as maravilhas de um país conhecido em viagem, que sobre o qual não se levanta suspeita; 11 - Viagem do real ao ideal: Conforme Trousson (2005, p. 108) : “A viagem utópica foi durante muito tempo a forma privilegiada do pensamento utópico”. Certos críticos sinalizam a viagem no tempo ou no espaço como sendo sempre o início a todas as utopias; 12. O tempo prematuro: Às vezes a utopia recupera valores de inocência extraviados, sempre indicando para um tempo futuro. 13 - O espaço arquitetado e geometrizado: o movimento das personagens deve acontecer não somente entre o espaço real e ideal, porém no interior da própria utopia, afim de que esta seja conhecida; 14 - Subordinação estilística da narração à descrição: predomina o discurso estilístico da descrição, uma vez que a narração de ações encadeadas numa trama, de tensão e conflito entre personagens e ambiente, apresenta-se de maneira reduzida no enredo utópico. A apresentação da sociedade ideal em detalhes torna-se fundamental; 15 - Digressões sócio-políticas: Assim como as descrições afastam o gênero utópico do estilo narrativo, o estilo dissertativo também se apresenta constantemente, a fim de discorrer as razões das instituições modelares da cidade utópica, responder às provocações e às dúvidas dos interlocutores, divulgar as soluções para os problemas que atrapalham o bom funcionamento da sociedade.

A idade do ouro enquadra-se nessas características e se configura como uma idade mitológica que, embora exista no desejo e no imaginário da humanidade, ninguém pode afirmar se existiu, se ficou no passado ou se há de se realizar num tempo futuro. A realidade é que não há comprovação de sua existência, do ponto de vista histórico-científico, exceto para a mitologia e as religiões judaico-cristãs que se atêm às sagradas escrituras e esperam um tempo bom de redenção e de vida eterna sem sofrimento: o paraíso. A esse respeito se lê nas Escrituras Gregas Cristãs:

E vi um novo céu, e uma nova terra, porque já o primeiro céu e a primeira terra passaram e o mar já não existe. E eu João, vi a santa cidade, a nova Jerusalém, que de Deus descia do Céu, adereçada

como uma esposa ataviada para o seu marido. E ouvi uma grande voz do céu, que dizia: eis aqui o tabernáculo de Deus com os homens, pois com eles habitará, e eles serão o seu povo e o mesmo Deus estará com eles e será o seu Deus. E Deus limpará de seus olhos toda a lágrima; e não haverá mais morte, nem pranto, nem clamor, nem dor; porque já as primeiras coisas são passadas. (BÍBLIA, Apocalipse 21: 1-4)

Certamente que a terminologia “Idade do ouro” não se utiliza no cristianismo, o que é evidente é a essência da crença num mundo perfeito. Idade do ouro é uma metáfora das idades míticas baseada nos metais por ordem decrescente de valor (ouro, prata, cobre e ferro) proposta por Hesíodo no poema *Os trabalhos e os dias*, e citada por Jacques Le Goff (2013, p.271):

De ouro foi a primeira raça de homens mortais, /Que os imortais habitantes do olimpo criaram/ Era o tempo de Cronos, que reinava no Céu. / Viviam com deuses, o espírito livre e despreocupado, / à margem de penas e misérias;/ a terrível velhice não lhes pesava, sempre de membros vigorosos, deleitavam-se nos festins, longe de todo o mal. / Quando morriam, pareciam vencidos pelo sono. Todos os bens lhes pertenciam: o solo fértil oferecia-lhes por si/ abundantes e saborosos frutos; e eles, na glória e na paz, viviam da terra, rodeados de inúmeros bens (vv.109-19).

Observa-se que há grande semelhança nas propostas de eternidade e felicidade nos dois fragmentos, entretanto na proposta hesiódica, como na ordem de valor decrescente nos metais respectivamente de ouro, prata, cobre e ferro, há outras idades. A que mais se aproxima da idade de ouro, como não poderia deixar de ser, é a idade de prata, mas ainda assim “esses homens não se assemelhavam nem pela estatura, nem pela inteligência aos da raça de ouro. (LE GOFF 2013, p. 271).

## 2.1 As grandes navegações – descoberta de novas terras

O mito da idade de ouro, um retorno ao primitivismo, com vida simples e feliz, harmonia com a natureza e muita paz, levou os descobridores, especialmente a expedição de Cristóvão Colombo ao aportar nas Américas, a uma terra desconhecida e com todas as características a acreditarem ter chegado ao paraíso. Natureza exuberante, povo despido e ausência de pecado. Diante disso, Buarque de Holanda (2004 p.12) sinaliza que

Reportando-se expressamente ao presente livro que apresenta, a seu ver, a demanda do Paraíso entre descobridores ou conquistadores latinos, e acentuando o papel, nesse sentido, dos sacerdotes católicos que acompanhavam aqueles homens, nota o autor como vinham eles animados pela crença de um Éden que generosamente se oferecia e estava “só á espera de ser ganho” (*merely waiting to be gained*), tanto que já Colombo anunciara ao seu soberano que o tinha achado quase com certeza.

Assim, essa busca incessante pelo Paraíso perdido, conforme o fragmento citado, foi reforçada pela companhia dos sacerdotes católicos aos navegadores, que como conhecedores das escrituras, criam num lugar de onde o homem foi destituído e estava resguardado por querubins e uma espada inflamada, os quais andavam ao redor, para guardar o caminho da árvore da vida.

Nessa perspectiva, restou, contudo, a esperança de uma volta do homem a esse lugar; entretanto a crença de sua existência em algum lugar do oriente, visto que consta nas escrituras sagradas, deve ser a mesma de que Deus colocou querubins para impedir o homem de retornar e comer do fruto da árvore da vida e viver para sempre.

Assim sendo, seria até ingênuo pensar que tão somente viajando para terras longínquas fosse suficiente para encontrá-la, mesmo que com algumas evidências. Para o cristianismo, a porta de entrada para esse lugar preparado desde a fundação do Mundo é Jesus Cristo, pela observação dos seus mandamentos e permanência na fé. Dessa forma, há um mérito, uma recompensa. Não seria assim uma tripulação inteira apenas por estar na mesma embarcação. Convém enfatizar que esse é o ponto de vista do Cristianismo, embora nele haja diversas crenças, muitas formas de ver o mesmo objeto convergem na esperança de uma redenção eterna.

## 2. 1. 1 O discurso político e a idade do ouro

A idade do ouro saiu da esfera mitológica para designar tudo quanto fosse perfeito e duradouro, que trouxesse paz e felicidade para todos. Um exemplo disso é o discurso político, que não deixa de ter bases míticas, seja ele individual ou partidário. Nesse discurso, o sujeito não pondera as circunstâncias. Afirma categoricamente que vai resolver todos os problemas e também vai trazer segurança e bem-estar aos cidadãos.

Entretanto, essa promessa é de realização tão incerta quanto à própria idade do ouro, que ninguém pode afirmar se ficou no passado ou se se encontra no futuro. O que se percebe é que há uma predisposição da humanidade em acreditar na felicidade. Ciente disso, o político não muda o discurso e em muitos casos se perpetua no poder. Finda vários mandatos e tudo permanece como está, mas ele tem a chave e, se for reeleito, abrirá a porta da esperança para uma massa crédula e ingênua. Os recém-chegados utilizam a mesma alquimia da felicidade e não mudam nem o discurso nem as atitudes, porque essa estratégia funciona. Falar a verdade sobre determinados assuntos não é visto com bons olhos por quase a totalidade da população. A promessa da felicidade é mais aceitável do que a realidade dos fatos.

### 2.1.2 Anos dourados dos anos 1960: paz e amor

Com as palavras de ordem “Paz e Amor” e “Faça amor, não faça guerra”, a cidade de São Francisco na Califórnia vive em 1966 a efervescência de um movimento liderado pelos *hippies*, que acreditavam estar construindo uma sociedade mais humana e aprazível. Eles tinham a ideia de alcançar uma situação utópica de vida. Esse movimento que propunha o encontro da paz e da felicidade não demorou para que atingisse outras regiões dos Estados Unidos.

Acontece que a tão desejada felicidade era movida por um entorpecente denominado LSD. Daí o lema dos participantes ser: sexo, droga e *rock and roll*. Era como se eles estivessem se soltando das amarras da lei, das tradições e do modo de vida dos pais. Concomitantemente ao movimento, surgiam bandas de rock que fortaleciam e divulgavam ainda mais o que se poderia chamar de novo estilo de vida. Não por acaso, os *hippies* foram chamados de libertadores e formadores de opinião.

A melhor síntese dessa avalanche de alegria e felicidade está nos versos da música São Francisco (JOHN PHILLIPS, 1967), interpretada pelo cantor Scott McKenzie: *if you're going to San Francisco/Be sure to wear some flowers in your hair* ou se você está indo a São Francisco lembre-se de usar algumas flores em seu cabelo. Cabeça florida e uma sensação de liberdade era por demais excitante para os jovens. E ainda: *For those who come to San Francisco/ summertime will be a love-in there*. Para aqueles que vêm a São Francisco/ o verão será repleto de amor. Os efeitos psicodélicos do LSD ficam mais evidentes nos versos: *all across the nation such a strange vibration/ People in motion*. Por toda a nação, como uma estranha

vibração/ Pessoas em movimento e finalmente: *There's a whole generation with a new explanation/ People in motion/ people in motion*. Há toda uma geração com uma nova explicação/ As pessoas em movimento/ As pessoas em movimento. Estranha vibração, nova explicação, pessoas em frenesi, fazia-os acreditar terem encontrado sentido para a vida.

Cabelos compridos, sexo ao ar livre, roupas extravagantes e drogas, tudo isso dava aos jovens uma sensação de liberdade nunca vista antes e por mais que houvesse resistência das famílias, não tinham como conter neles a euforia dessa nova onda de felicidade. Entretanto, o distrito de *Haight Ashbury*, em São Francisco da Califórnia, se enchia cada vez mais de pessoas de todas as partes em busca desse “paraíso”, pois foi lá o epicentro do acontecimento e não demorou para que a cidade ficasse cheia de pessoas cambaleantes, drogadas, famintas e sem assistência.

Assim, mediante essa situação de calamidade, muitas pessoas com psicose aguda, os hospitais abarrotados de doentes em consequência das drogas e muitas mortes, sobretudo de jovens, o estado da Califórnia criou uma lei proibindo o uso do LSD. Houve resistência. Com essa proibição por lei, se não estava chegando ao fim a tão promissora felicidade, de certa forma estava havendo uma desestruturação da fantasia de uma vida só de prazer.

Como se pode perceber, anos dourados, ou seja, anos de ouro, sempre há uma alusão ao precioso metal e com a ideia de uma nova idade do ouro, que embora em gerações diferentes, mantém a mesma busca por uma vida repleta de felicidade. Uma definição que sintetiza bem a mítica Idade do Ouro é a de Minois (2011, p.3): “A idade do ouro é ao mesmo tempo a abundância, a beleza, a juventude, a saúde, a despreocupação, o lazer, os prazeres físicos e intelectuais, em uma natureza pacífica e benevolente”. Resumidamente: é a perfeição tão desejada e esperada pela humanidade em todas as gerações.

## 2.2 A Idade do Ouro em outros povos fora da Europa

Embora sem uma comprovação confiável de sua existência, a Idade do Ouro, como é denominada pela mitologia e por historiadores, e/ou felicidade plena para as demais culturas, permeia pelas mais variadas civilizações e povos. Desde as mais civilizadas às mais primitivas. O que intriga é que mesmo em continentes e épocas

diferentes, sem ter havido uma aproximação direta, existe muita similaridade entre elas.

Possivelmente motivados pelo sofrimento e analisando causa e consequência, na busca por uma explicação, os ancestrais se voltaram para o sobrenatural e, como se sabe, os mitos servem para explicar algum fenômeno. Assim, foram transmitindo de geração a geração, pela oralidade, suas crenças e “verdades” sobre tudo. Atribuindo tanto o bem quanto o mal às divindades.

Começando pela tribo Aranda, que fica na Austrália central, que acredita que a Idade do Ouro existiu em dois planos: um no Céu, e outro na Terra. Segundo Le Goff (2013, p.265), os Aranda acreditam na existência do Grande Pai, que não criou a Terra, nem intervém nela, tem os pés de ema, retirou-se para o Céu com a família e vive numa terra perpetuamente verde, rica em flores e frutos, onde a morte não existe e onde os homens desejam chegar. Ainda segundo eles havia umas árvores e escadas que ligavam a Terra ao Céu, mas que foram interditadas por uma interrupção violenta das relações da Terra com o Céu. Dessa forma, somente alguns heróis, xamãs e feiticeiros conseguiram chegar lá.

Essas árvores e escadas da tradição dos Aranda lembram um fato bíblico, em que Jacó, cansado em uma viagem, deitou-se no chão e colocou uma pedra como cabeceira e teve uma visão de uma escada que ligava a Terra ao Céu e os anjos subiam e desciam por ela (BÍBLIA, Gênesis). O que chama a atenção é essa semelhança dos fatos em culturas completamente adversas. Teria o povo Aranda ouvido algum relato bíblico a esse respeito, para depois então, formularem suas crenças? Certamente essas similaridades entre as muitas maneiras de referir-se à Idade do Ouro é o que a torna cada vez mais desejada e interessante.

Para essa tribo, a Idade do Ouro existiu também na Terra, quando da sua formação pelos totens antepassados e quando ela ainda se assemelhava a um Paraíso, onde as caças deixavam-se apanhar sem nenhuma resistência e havia muita água e frutos em abundância. Na perspectiva de uma sociedade primitiva como a dos Aranda, ter comida (caças em abundância e frutos) era a plenitude da felicidade.

Ainda segundo a crença desse povo, além da abundância já mencionada, na terra não havia nem bem nem mal, como também não existiam leis nem interdições. Há entre essa tribo alguns rituais de orgia em que as proibições são suspensas por um breve instante. Strehlow (apud LE GOFF 2013, p. 265) interpreta essa atitude



como um retorno à liberdade e à beatitude dos antepassados. Entretanto para eles essa Idade do Ouro parecia eternamente perdida.

Diferentemente da tribo dos Aranda, que não têm mais esperança numa terra perfeita, os índios Guaranis ainda acreditam numa “Terra sem Mal” sem morte e de repouso eterno. No entanto, essa terra esperada não é a que eles habitam, fica no centro da Terra ou do outro lado do oceano na Ilha dos Bem Aventurados.

Eles acreditam que o mundo atual, impuro e decadente será destruído por uma grande catástrofe e somente a “terra sem mal” subsistirá. Segundo a sua crença, os homens precisam alcançar esse lugar seguro antes do último cataclismo. Isso justifica as migrações dos Guaranis por longas datas na tentativa de alcançarem a segurança e felicidade eterna nessa Terra Fabulosa.

Um Jesuíta do século XVII escreveu a respeito dos tupinambás Metraux (1957, p. 115, apud LE GOFF 2013, p. 265) o seguinte:

Os xamãs persuadem os índios a não trabalhar, a não ir para os campos, prometendo-lhes que as sementeiras crescerão por si, que a comida, ainda que escassa, encherá as suas cabanas e que as enxadas trabalharão sozinhas a terra, que as flechas caçarão para os seus donos e capturarão inúmeros inimigos. Predizem que os velhos se tornarão jovens.

Assim orientavam os xamãs (espécie de sacerdote) ao povo tupinambá, sobre a não ocupação com o trabalho, pois tudo viria de forma milagrosa e sem enfado. Havia ferramentas e armas, mas elas eram personificadas e executavam suas funções sozinhas. Um fato admirável e comum a todas as crenças sobre a Idade do Ouro é que eles referem-se ao trabalho como algo ruim e desnecessário. Aqui, pode-se pensar, como o mais conhecido exemplo, o que é dado pelo livro do Gênesis, da Bíblia: o castigo pelo pecado original dado por Deus ao homem seria viver, doravante, do suor do seu rosto, ou seja, do trabalho árduo.

Os tupinambás desejam abundância de tudo sem esforço. Da mesma forma a velhice. Em todas as crenças de felicidade eterna não se inclui o velho, sua experiência e sabedoria. Há sempre um anseio pela eterna juventude. Isso, porém, é compreensível, pois a velhice está associada às doenças, fraquezas e indisposição para os prazeres carnis. Além disso, eles têm a noção de finitude do homem, pois a muita idade pressupõe a aproximação da morte.

A forma de ver a Idade do Ouro para alguns povos africanos assemelha-se muito às religiões judaico-cristãs. Para eles houve um tempo em que os homens viviam com os deuses, eram felizes e imortais, conforme afirma Baumann (1936, p. 142, apud LE GOF 2013, p. 266):

Para os ashanti, o Deus criador tinha proibido as relações entre os sexos. Quando foi violada a proibição, Deus impôs aos homens o dote e o trabalho e às mulheres um parto doloroso. Para os luba, Deus condenou ao trabalho e à mortalidade os homens que tinham comido as bananas proibidas. Poder-nos-íamos interrogar, pelo menos nestes dois casos, sobre a existência de influências cristãs. A introdução do trabalho também se encontra em alguns mitos dos kuluwa da África Oriental, dos nyamwesi e de outros povos.

Para o judaísmo-cristianismo o homem vivia no Éden, não precisava trabalhar para subsistência e tinha contato permanente com o Deus criador. No entanto, um único mandamento que lhe fora dado, não foi cumprido e ele passou a ser mortal. O mandamento consistia em não comer de apenas um fruto, o da ciência do bem e do mal. Os demais ele poderia desfrutá-los à vontade. Com a desobediência, o homem precisou trabalhar para sobreviver e, juntamente com a mulher, passaram a ser mortais. Para a mulher, além de tornar-se mortal, houve ainda a penalidade de ter partos com dor (BÍBLIA, Gênesis).

No fragmento acima, aparecem as expressões: “parto doloroso e bananas proibidas”. O parto doloroso é comum a todas as mulheres de qualquer etnia e gerações, mas, por “bananas proibidas” infere-se que para os nativos africanos, um fruto abundante e conhecido para eles, é sem dúvida, a banana. Da mesma forma que para outros continentes, especialmente os de clima frio, eles associem o fruto proibido à maçã.

Como foi visto, os ashanti acreditavam que o Deus criador tinha proibido a relação entre os sexos. Nesse tópico, há certa semelhança com o pensamento de algumas pessoas da sociedade atual que sugerem que o fruto proibido, de que falam as Escrituras, seja uma alusão ao sexo. Entretanto há o contra-argumento de que se homem e mulher foram criados diferentes, seria naturalmente para a procriação.

### 2.3 Platão, Atlântida e o seu conceito de felicidade

O filósofo Platão não cita diretamente um lugar paradisíaco por natureza, mas propõe ciclos, ou seja, quando os deuses guiavam as coisas, como o sol, os astros e as ações humanas, havia a predominância do Bem, mas quando negligenciavam, o Mal predominava e eles precisavam intervir para que a ordem fosse restaurada. Ainda na proposta dos ciclos, segundo ele, haverá uma inversão de sentido no caminho do mundo, a vida começa pelos velhos e vai regredindo até desaparecer na fase de criança (LE GOFF 2013). Ainda segundo Platão, no tempo de Cronos os homens viviam mais perto de um estado natural, mas não há documentos que assegurem que eram felizes.

Diferentemente da crença de um lugar perfeito, onde tudo é produzido sem esforço e com perfeição, Platão admite que sem a arte e sem ferramentas as primeiras fases não eram perfeitas e que a humanidade só progrediu porque recebeu das mãos dos deuses o fogo e o conhecimento para manusearem os metais. Segundo Le Goff (2013, p. 279):

De qualquer modo, na atual Idade de Zeus, as primeiras fases não foram perfeitas, porque os homens não tinham artes, nem capacidade de invenção, e o alimento acabou por lhes faltar. Felizmente alguns deuses e heróis, principalmente Prometeu, Hefesto e Atena, deram aos homens o fogo, a arte de trabalhar os metais e a agricultura e, assim a humanidade conseguiu progredir e tomar nas mãos o próprio destino.

Fica evidente na citação que a prosperidade da humanidade adveio do conhecimento. Do domínio das artes, no sentido aqui de produção de ferramentas que iriam ser utilizadas na agricultura e conseqüentemente na produção do homem, do seu próprio alimento. De acordo com Le Goff (2013, p. 279), “Não há, pois, em Platão, idealização da Idade de Ouro, nem sequer a aspiração de um retorno a essa idade”.

A utópica Ilha de Atlântida, em conformidade ao que está exposto, não tinha em si mesma uma super natureza, plena e autossuficiente, como se encontra nas várias descrições feitas: natureza exuberante, árvores que produzem tudo, cascatas de mel etc. O que havia em Atlântida era uma hipercivilização. Conforme Le Goff (2013, p. 279):

Os habitantes da Atlântida têm leis (excelentes, para dizer a verdade, pois foram-lhes dadas por Poseidon), cidades, templos, palácios e

são muito ricos. Por outro lado, quando, também lá, quando os deuses abandonaram os homens à sua sorte, estes se tornaram cúpidos e imperialistas, conquistaram um grande império e atacaram a Grécia, mas Atenas resistiu-lhes e venceu-os. Os deuses, irritados com os habitantes de Atlântida, provocaram um cataclismo e a ilha submergiu no mar.

A crença de confiar aos homens, desde que lhes sejam dadas as condições suficientes (trazendo para os dias atuais educação, segurança, boa saúde, uma forma de governo mais igualitária e que as leis sejam de fato cumpridas), o desenvolvimento de uma nação e conseqüentemente a felicidade de um povo, não é utópica. Muitas nações foram dizimadas pela guerra e se reergueram. O mito de Atlântida pode servir como exemplo, não da influência de deuses, mas da capacidade do homem de decidir sobre o seu próprio destino, tendo como base leis que visem o bem coletivo. Seria uma idade de ouro, não incerta, num futuro, ou num passado remoto, mas real, construída pelo próprio homem.

Em conformidade a isso, Minois (2011, p. 43) afirma:

Assim, para Platão, a felicidade está na busca do bem e do belo, o que é vago e concretamente não leva muito longe. Mas ele viu bem que essa exigência de sabedoria pessoal não bastaria: a felicidade depende também de todo um contexto político, econômico e social. Cabe ao Estado criar condições favoráveis à felicidade dos cidadãos. O principal mérito de Platão é ter sido o primeiro a ver que a felicidade é um problema cuja solução é tanto pessoal como coletiva, no cruzamento da Psicologia com as Ciências sociais, a Moral e a Política. Será muito difícil até mesmo para um sábio ser feliz em um Estado anárquico ou ditatorial onde reina a miséria. (...)

Como se percebe, o filósofo grego não descreve a felicidade, o que ele propõe é que essa felicidade seja construída. É um fato sócio-político.

#### 2.4 Idade de Ouro ou raça de ouro?

Importante observar que Minois (2013, p. 7) inicia um capítulo intitulado “Hesíodo, o pai da idade do ouro”. De fato, essa perfeição de vida ideal foi primeiramente apresentada por Hesíodo no poema didático Os trabalhos e os dias, mas curiosamente ele não se refere a um tempo maravilhoso, a um

paraíso. Ele se refere a uma raça de ouro, conforme o verso: “De ouro foi a primeira raça dos homens de vida passageira” (MINOIS 2013, p. 12). Desse modo, é possível se fazer uma relação de sentido ao que foi exposto sobre Platão, em que, para ele, a felicidade eterna não está vinculada apenas a uma Natureza fantástica que produz tudo sozinha, mas sim a uma sociedade evoluída, com leis excelentes.

Pressupõe-se que uma raça comparada ao ouro, o mais precioso metal, seja em tudo perfeita. A ferrugem que aparece em outros metais, que se pode aludir às mazelas e aos defeitos dos homens, não atinge o ouro.

Entretanto essas observações feitas não devem ser vistas como contraditórias ao que se tem falado. A Idade do Ouro, se existiu ou ainda vai existir, é uma incógnita ou irrealidade para muitos, mas para a história ela é real, como objeto de estudo, e muitos estudiosos têm se ocupado em encontrá-la: seja numa ilha deserta ou em outra dimensão.

### 3 O CORDEL: ORIGEM E ADAPTAÇÃO AO BRASIL

O cordel, que em 2018, ganhou do Conselho Consultivo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, o título de Patrimônio Cultural Imaterial Brasileiro, é a literatura mais antiga e mais significativa para o Nordeste brasileiro. Nesse sentido, segundo Proença (1982, p. 28):

O nome de Literatura de Cordel vem de Portugal e, como todos sabem, pelo fato de serem folhetos presos por um pequeno cordel ou barbante, em exposição nas casas em que eram vendidos. Com esse nome já os assinala Teófilo Braga em Portugal do século XVII, se não mesmo antes.

Essa modalidade literária chegou, aqui, na mala dos colonizadores europeus e teve grande aceitação no Brasil, especialmente nos estados de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte, Ceará e Piauí.

Vários fatores contribuíram para essa disseminação e arraigamento do cordel entre nós. Inicialmente, além do entretenimento o cordel também era um meio de informação, já que por volta da colonização do Brasil e ainda por muito tempo não havia os meios de comunicação de massa. Outro fator que contribuiu, e ainda contribui, para a resiliência do cordel é o preço baixo e a distribuição acessível.

Ao contrário das outras literaturas que surgem normalmente dos meios acadêmicos, o cordel trilhou um caminho inverso, sendo mais comum sua presença nos ambientes populares, feiras, praças e “serões”. Ou seja, geralmente à noite, depois dos trabalhos no campo, uma pessoa alfabetizada da família lia os folhetos em voz alta para os demais e daí influenciava outras pessoas a se alfabetizarem.

Esse aspecto, o do cordel como instrumento de alfabetização e de introdução do sujeito ao mundo letrado, é o que se pretende desenvolver neste trabalho que visa utilizar esse gênero textual, uma vez que uma turma de Educação de Jovens e Adultos – EJA, formada por pessoas de diferentes idades e com defasagens diversas, quase sempre enfrenta o problema da carência de leitura. Referente a essa diversificação Bordini e Aguiar (1988, p.9), em *A formação do Leitor*, afirmam que

O grupo social não é simplesmente um todo homogêneo. Nele habitam vontades, saberes e posicionamentos diversificados, mas convergentes, que geram possibilidades de relações internas e com outros grupos. Através das trocas linguísticas, o indivíduo se certifica de seu conhecimento do mundo e dos outros homens, assim como de

si mesmo, ao mesmo tempo em que participa das transformações em todas essas esferas.

Respalhado nessa premissa, compreende-se que o cordel, um gênero popular, que trata de temas sociais, ficcionais e regionais, com uma linguagem bem humorada, se configure como um instrumento importante para introduzir o aluno na leitura de fruição. Entretanto, como qualquer literatura, a de cordel deve ser lida, debatida e mediada pelo professor para que se evitem generalizações e atitudes preconceituosas. No folheto, *A chegada de Lampião no Inferno*, citado por Marinho e Pinheiro (2012, p.108), os autores afirmam que

Vale notar que todos os diabos são pretos, em uma forte evidência do preconceito racial que marca as relações sociais no Brasil. Cabe ao professor problematizar essa questão em sala de aula evidenciando, inclusive, atitudes conservadoras e preconceituosas presentes na cultura popular, bem como em diversas outras narrativas e poemas da literatura brasileira.

Na história do cordel, alguns nomes são eternizados, entre eles o de Leandro Gomes de Barros. Nascido em Pombal na Paraíba em 1865 e falecido em Recife – PE em 1918, foi considerado o fundador da poesia popular e o mais importante poeta de seu tempo, segundo o testemunho do poeta Francisco das Chagas Batista. Ainda foi referenciado pelo folclorista Luís da Câmara Cascudo como o “ainda mais lido de todos os escritores populares” (VIANA 2010, p.80).

Leandro também foi o precursor de muitos outros poetas cordelistas e seus cordéis serviram de base para o texto dramático *O auto da Compadecida*, do dramaturgo Ariano Suassuna.

Nesse sentido, o cordel tem contribuído com a cultura nordestina em diversos aspectos: seja na informação (função inicial), seja no entretenimento, na inspiração para a música popular, no cinema e em especial na alfabetização e no letramento de muitos nordestinos, especialmente os que viveram em tempos de ausência de escolas públicas, conforme os versos de Arievaldo Viana (2010, p.10):

*Foi assim que eu aprendi  
Ler, escrever e contar.  
Dona Alzira minha avó,  
Resolveu me ensinar  
As letras do alfabeto.*

*E em poucos dias, seu neto  
Já conseguia soletrar.*

Baseado nos versos acima e em outros relatos de pessoas que se alfabetizaram e até mesmo tornaram-se letradas, compreende-se que a literatura de cordel, cujas temáticas são muito próximas da realidade de jovens e adultos, que é o público alvo deste trabalho, possa influenciá-los a ler, inicialmente os folhetos e, posteriormente, outros gêneros literários.

### 3.1 Ciclos temáticos do Cordel e a retextualização de obras consagradas

O cordel é um gênero textual que se mantém da mesma forma, com a mesma organização composicional desde que se consolidou como literatura. Inicialmente no domínio da oralidade e posteriormente escrito em folhetos. Alguma mudança se dá apenas pela quantidade de versos, pela contagem das sílabas poéticas e ou pelo esquema de rimas, no mais, permanece como no princípio: a xilogravura, o formato das folhas e até a forma de distribuição.

Mas, se o cordel conserva através dos anos suas peculiaridades formais, por outro lado, no que diz respeito aos temas trabalhados ele tem se mantido na vanguarda dos acontecimentos. O cordel, por muito tempo, especialmente num tempo em que não havia outros meios de comunicação, serviu, não só como entretenimento. A esse respeito Diegues Junior (1986, p. 50) enfatiza:

Quer dizer: o romance fixa o fato, narra-o, transmite-o, mas ao mesmo tempo contribui para servir às populações, legando-lhes a maneira de ver o que sucedeu, fazendo com que os acontecimentos venham a ser conhecidos das gerações subsequentes. É um registro noticioso, vamos assim chamar; e é, ao mesmo tempo, uma maneira de divertir, de entreter, de preencher os momentos de lazer, dos leitores ou daqueles que ouvem os leitores, por não poderem ler, sendo analfabetos.

Importante ressaltar que o cordel por algum tempo foi denominado romance. Atualmente romance é outro gênero da ordem do narrar e com outra estrutura. Possivelmente ele fosse chamado de romance porque as histórias de amor,



excepcionalmente, as de amores impossíveis, foram temas frequentes nessa literatura.

O que se tem visto até aqui no que concerne aos temas utilizados e/ou finalidades do cordel, foi apenas uma de suas utilizações primeiras, a de conciliar notícia (mesmo com atraso, naturalmente) com entretenimento.

No entanto, no cordel, há dois tipos fundamentais de temática: os temas tradicionais e os circunstanciais.

Os temas tradicionais são os que estão ligados a temas universais, tais como: histórias de amor, valentia de heróis, religiosidade e narrativas sobrenaturais. Os temas tradicionais estão mais no plano da ficção.

Já os temas circunstanciais, como o próprio nome sugere, são acontecimentos contemporâneos e que servem de temas para os escritores de cordel. Um exemplo de fato marcante bem no início do século XXI, mais precisamente no ano de 2020, que atingiu o planeta, foi o aparecimento de uma doença, de abrangência intercontinental provocada por um vírus, denominado, Coronavírus.

Embora todos estejam sujeitos a contraírem o vírus, nem todos sabem quais os sintomas e como se prevenirem. Em muitos casos a linguagem das autoridades que orientam as leis sanitárias não é bem assimilada por todos, e nesse exemplo, os repentistas e cordelistas, que quase sempre detêm de maneira autodidata, um razoável conhecimento enciclopédico, escrevem ou improvisam o fato na linguagem poética e acessível das massas.

Nesse sentido, não somente os cordelistas, mas também alguns órgãos governamentais quando precisam disseminar uma campanha de interesse coletivo, seja na saúde, no trânsito, na preservação do meio ambiente, utilizam, às vezes, o cordel como meio de comunicação, por causa da linguagem popular e sua aceitação pelo público. Especialmente quando o público alvo é formado por crianças.

Entre os temas circunstanciais, estão fenômenos naturais como enchentes, secas, como também cangaceiros que surgem, assassínios e morte de pessoas influentes, como políticos e artistas. Atualmente com a globalização das informações até mesmo fatos internacionais são incluídos como temas circunstanciais.

Entre os fatos noticiados pelo cordel, seguindo-se uma ordem mais ou menos cronológica, estão, a morte (suicídio) de Getúlio Vargas, a viagem do homem à Lua, a conquista do tricampeonato do Brasil em 1970 e tantos outros.

Uma outra façanha do cordel que merece ser destacada é o “diálogo” que mantém com obras consagradas do cânone universal. Algumas obras foram retextualizadas em versos mantendo o enredo original, mas simplificando a leitura, a linguagem e até mesmo apresentando-a a um público que não conheceu o texto anterior. No entanto o leitor tem o direito de ter acesso às obras clássicas, principalmente em se tratando da leitura no ambiente escolar.

Marinho e Pinheiro (2012, p.117) sugerem que

Nesta perspectiva, uma abordagem que nos parece adequada deveria propiciar um encontro das obras. Em outras palavras, ler o original e a recriação do poeta e procurar discutir questões como: em que aspecto as narrativas se encontram? Em que se distanciam? O poeta popular optou por uma mera transcrição da obra ou enfatizou certos aspectos e deixou outros na sombra? Que efeito essa opção pode ter?

Analisar esses aspectos é sempre importante, porque na releitura e principalmente na reescrita de uma obra há sempre a marca e/ou ideologias de quem reescreve.

Entre os clássicos universais, no início do século XX, a obra de Shakespeare, Romeu e Julieta, foi adaptada por João Martins de Athayde. Por datar do início do século passado, provavelmente, tenha sido a primeira obra convertida em Literatura de Cordel.

Dos clássicos brasileiros, destaca-se, o romance de José de Alencar, Iracema, adaptado ao cordel por Alfredo Pessoa de Lima.

Alguns dos contos maravilhosos e fábulas também foram adaptados ao cordel como sejam: A cigarra e a Formiga, Chapeuzinho vermelho e Pinóquio feitos por Manoel Monteiro.

### 3.2 Um marco na Literatura de Cordel

Marco literalmente significa demarcação, divisa, fronteira ou limite. O marco na Literatura de Cordel, no entanto, não deixa de fazer referência ao sentido literal, mas acrescenta outras conotações. Entenda-se, aqui, marco como algo grandioso, um monumento colossal e desafiador, uma construção poética, cujo ápice é inatingível pelos demais poetas. Marinho e Pinheiro (2012, p.38) afirmam que “o

marco é mais uma forma poética de colocar em xeque a habilidade dos poetas populares”. De fato, em *O Marco brasileiro* de Leandro Gomes de Barros, escrito em 1916, há a descrição de uma viagem fantástica em busca de uma pedra fundamental e nessa busca cita diversos países e lugares como sejam: Ásia Maior, Egito e suas pirâmides, e alguns países europeus (França, Rússia, Áustria, Alemanha) e finalmente a encontra perto dos Andes.

É possível observar que o autor, na construção do seu marco, além da grandiosidade descrita (chega a comparar ao templo de Salomão) faz uma exposição de conhecimentos histórico-geográficos e fica subtendido que ele desafia os demais poetas a, se forem capazes, superá-lo. Veja a estrofe:

*Está o marco do velho  
Quem quiser pode chegar  
Se existir um poeta  
Que deseje derribar  
Traga ferramenta boa  
Está ele aí pode entrar(27ª. estrofe, p. 3)*

Quando ele sugere ao oponente “que traga ferramenta boa” está, sem dúvida, referindo-se à competência poética e ao conhecimento enciclopédico superiores aos seus.

Percebe-se que para um cordelista, a construção de um marco na poesia equivale a uma grande conquista, que também pode ser entendido como a idealização de um desejo e ou uma forma de protestar sobre as desigualdades sociais. O *Marco Brasileiro* não cita estados e cidades do Brasil, mas o título permite que se faça inferência ao desejo de um Brasil grande, não só na extensão territorial, mas economicamente e socialmente grande em comparação aos países citados. Talvez, não por acaso a pedra fundamental tenha sido encontrada próximo à

Cordilheira dos Andes, a maior das Américas. Num marco, que é uma idealização, tudo é gigantesco.

Em conformidade à ideia de que o marco é um monumento a ser visto e que deve chamar a atenção para determinada coisa e/ou situação, observe-se a letra da canção *Poema Martelo d'o Marco do meio-dia* de Antônio Nóbrega e Ariano Suassuna (2001, apud MARINHO e PINHEIRO 2012 p.44)

*A bandeira do Sol estrala ao vento  
ere-soa a minha voz de cantador,*

*num protesto do Sonho contra a Dor  
a pobreza do povo e o sofrimento.  
Nas estrelas do canto, o pensamento  
ergue um marco que é só anunciado.  
Nossa sorte de Povo injustiçado  
é vencida por nós ao som da luta,  
e, no meio do palco, o que se escuta  
é o sol da justiça do sonhado.*

*Ao final desta dança bela e forte  
Eu que sou o cantador, dono da casa,  
e, com versos de sangue, fogo e brasa,  
forjo o Marco e celebro a minha sorte.  
Na viola, eu vou batendo a Morte e  
assumindo a coroa de Guerreiro.  
Ao cantar meu país, sou o Lanceiro,  
olho o sangue ferido do meu povo  
e sonho, ao meio-dia, um canto novo,  
levantando este Marco brasileiro.*

Observando-se a letra da canção, percebe-se claramente que ela faz intertextualidade ao *Marco brasileiro* de Leandro Gomes de Barros e de certa forma confirma o que se tem proposto sobre o que significa, e qual a finalidade da construção de um *marco* na Literatura de cordel.

Nos versos, *olho o sangue ferido do meu povo / e sonho, ao meio dia, um canto novo*, os autores parecem admitir que lutam por algo incomum e que requererá grande batalha, pois sonhar ao meio dia é uma ocorrência pouco usual, mas ao verem o sangue derramado do seu povo, sentem-se motivados e encorajados para a luta e creem na realização do sonho com atitudes. Sem passividade.

Os poetas cordelistas constroem seus marcos com talento, tinta e papel, e/ou gravados na memória pelos não alfabetizados e compartilham com os leitores/ouvintes, de seus anseios e opiniões, mas cada povo, cada cidadão tem seus *marcos*, muitas vezes silenciados pela opressão e por não disporem, em muitos casos, de voz e de canais adequados para a realização da catarse do seu grito de dor e sofrimento.

O heroísmo, as façanhas de valentia e esperteza, a capacidade do pensamento de ultrapassar limites e beirar às vezes o absurdo fazem do cordel uma literatura muito atraente e interessante. Quem não vibra com um rapaz corajoso e inventivo como Evangelista, do *Pavão Misterioso*, raptando uma princesa que vivia

reclusa numa torre quase inatingível? O leitor vivencia a cena e se sente por algum tempo coautor da bravura.

Entre os poetas que também edificaram marcos, estão João Martins de Athayde com o *Marco do meio do mundo*(1916); José Adão Filho, *O marco paraibano*(1921); Franklin Machado, *O marco feito a machado nordestino*(1978) e Antônio Américo de Medeiros com *O marco do Sabugi*.

A construção de marco é uma exclusividade da Literatura de cordel, pelo menos com essa nomenclatura. Assemelha-se muito, no entanto, com o poema épico. É um ponto alto na produção literária de um cordelista. É uma bandeira erguida no cume da poesia popular, ostentando o nome e o talento do autor.

### 3.3 Organização composicional do cordel e a arte visual na xilogravura

Embora seja também considerado poesia popular, o cordel se distingue das demais produções por apresentar uma estrutura específica e fixa. Isso se dá por ter sido inicialmente produzido na oralidade e mesmo por que nas produções escritas, ao ser declamado, precisa ter ritmo e sonoridade, advindos da uniformidade das sílabas poéticas e das rimas. É importante ressaltar que essas estruturas fixas são estratégias que ajudam na memorização, uma vez que o cordel também é lido em voz alta ou declamado em voz alta.

Entretanto, a métrica e os esquemas de rimas não são exclusividades do cordel; os repentistas também os utilizam nas cantorias e pelejas, sejam já memorizados ou de improviso, o que são critérios importantes nas disputas que envolvem classificação e premiação, além de como não poderia deixar de ser, da criatividade.

O verso do cordel tradicional é composto de sete sílabas poéticas, e sua estrofe mais comum é a de seis versos, podendo também serem produzidos cordéis com estrofes de sete versos. O esquema de rima mais comum é A B C B D B para seis versos e A B C B D D B para sete versos. Os cordelistas também usam a estrofe de dez versos, a décima, com versos de sete ou de dez sílabas, embora esse esquema seja menos comum.

A precariedade na impressão do cordel contribuiu para o surgimento de uma arte independente, mas atrelada aos folhetos: a xilogravura. Os que primeiro se dedicaram à produção do cordel escrito não dispunham de recursos financeiros, visto

que os folhetos eram vendidos a preço muito baixo, nem de recursos gráficos para ilustrar a capa dos seus cordéis. Então eles mesmos faziam desenhos alusivos ao tema do texto e talhavam na madeira para assim, com o auxílio de um rolo de tinta, fazerem a reprodução em série. Esse processo se perpetua, ainda é o mesmo há décadas. Antes, porém, do surgimento da xilogravura, utilizou-se a imagem de artistas do cinema nas capas dos cordéis. A partir dos anos de 1940, a xilogravura passou a predominar como uma das marcas externas do folheto de cordel.

Atualmente, já há recursos tecnológicos para a ilustração de capas, mas a xilogravura se impôs como uma tradição que não é mudada. O cordelista contrata os serviços dos xilogravuristas que se dedicam exclusivamente a produzi-las, embora alguns também produzam cordel.

### 3.4 Contribuições exteriores para a consolidação da Literatura de Cordel no Brasil

Ainda sobre a origem do cordel muitos historiadores e pesquisadores afirmam e certamente merece credibilidade que surgiu das narrativas orais em tempos longínquos e foram transmitidos pela conservação da memória popular. Eram narrativas épicas dos chamados romances de cavalaria, de navegações, de guerras e histórias de amor, já que era uma tradição nas histórias de cavalaria o valente cavaleiro oferecer a sua vitória a uma dama, como no romance de Miguel de Cervantes, o seu personagem Dom Quixote de La Mancha faz sempre referência a sua amada Dulcinéa Del Toboso.

Sobre a denominação, Literatura de cordel, há uma relação direta com o ambiente onde eram vendidas “as folhas soltas” ou folhetos, que eram as feiras livres e com a forma como eram expostos: presos a barbantes para facilitar a visualização dos títulos. A venda desses folhetos a preço baixo era feita normalmente por cegos, por determinação real como forma de eles terem provisão de víveres.

Os folhetos de cordel, além do entretenimento, tinham como finalidade difundir as notícias já que não havia na época outras formas de comunicação. Sobre isso afirma Diegues Junior (1986, p 31)

Antes que o jornal se espalhasse, a literatura de cordel era a fonte de informação e justamente quando começa a disseminar-se o jornal, a literatura de cordel decai. Isto em Portugal. No Brasil, apesar do

jornal, ela continua em pleno esplendor, talvez só ameaçado em nossos dias com a difusão do rádio transmissor e da televisão.

A chegada da Literatura de cordel ao Brasil, especificamente ao Nordeste se deu por volta dos séculos XVI e XVII trazida pelos colonos, não só exclusivamente pelos portugueses, mas também por outros espanhóis. O que valida essa assertiva é que outros países da América Latina de colonização espanhola a exemplo de México, Argentina, Nicarágua e Peru também registraram a presença dessa literatura.

Um fato que deve ser considerado é que a Literatura de Cordel não teve sua influência no Brasil apenas oriunda da colonização europeia, mas também da contribuição africana através da vinda de escravos da África para o Brasil. Observe-se o que sinaliza Diegues Junior (1986, p 37):

Também os escravos vindos para o Brasil tinham não somente seus trovadores como também o hábito de contar suas histórias, cantando ou narrando; são os famosos *akpalô* registrados pelos especialistas em estudos africanos no Brasil.

Ainda Diegues Junior (1986, p 38) acrescenta que

Saliente-se também que entre os cantadores mais conhecidos alguns são negros; e de um negro se guarda a tradição de maior cantador do Nordeste: Inácio da Catingueira. Não é de estranhar, pois, que, encontrando-se com a tradição lusitana, a africana a ela se fundisse; absorvendo-se, reformulando-se, para dar surgimento aos nossos cantadores, com suas peculiaridades de formação dos grupos para comunicação dos versos.

Como se pode observar, a contribuição do africano para o Brasil não se limitou às comidas típicas, às danças e religiosidade, mas também de forma significativa na efetivação da literatura de cordel na cultura nordestina.

### 3.5 O público-alvo da Literatura de Cordel

Com um analfabetismo predominante nos idos séculos medievais, o cordel encontrou um campo fértil para sua disseminação, pois havia frequentemente leitura em grupo nas reuniões familiares e/ou nas feiras e romarias. Certamente a Literatura de Cordel, hoje de certa forma considerada uma literatura inferior, teve grande

importância na formação da população em geral, seja como o alfabetizado leitor, ou como ouvinte.

Por ter uma linguagem simples, versificada e bem humorada e tratando de temas do interesse popular, como batalhas heroicas, acontecimentos históricos, secas, enchentes e religiosidade, o cordel teve e continua tendo uma aceitação popular só superada pelas mídias de massa, como a televisão que explora recursos imagéticos.

Até mesmo pessoas analfabetas influenciadas pela exaltação do heroísmo ou pelo gracejo que traz o folheto, provocado pelo vendedor, compram folhetos de cordel para que sejam lidos por alguém alfabetizado na família.

Muito se tem falado e escrito sobre cordel, mas sempre com um olhar voltado para a produção. Há uma vasta bibliografia sobre o assunto em livros, periódicos, reportagens, rodas de conversa e outros mais. No entanto, a professora Ana Maria de Oliveira Galvão, da UFPE-Universidade Federal de Pernambuco, buscou pesquisar e saber exatamente quem é o leitor de cordel.

Do seu trabalho resultou o livro: *Cordel Leitores e ouvintes*. Como já foi dito, esse viés do cordel, de se saber o perfil do seu verdadeiro leitor, não é muito conhecido, respaldado em dados. O que se tem sobre o assunto é mais abrangente, apenas do que se conhece pela própria história dessa literatura.

Segundo a autora o público leitor de cordel é predominantemente adulto e do sexo masculino. Conforme Galvão (2010, p.96),

Os resultados da pesquisa podem nuançar esse tipo de afirmação. Das 29 pessoas com quem conversei, 23 eram homens e 6 mulheres. Dos 23 homens, treze conheciam folhetos, mas não eram leitores; sete eram leitores ou ouvintes e três não conheciam folhetos. Entre as seis mulheres, três se disseram não leitoras e uma afirmou que não conhecia cordel.

Além desse dado importante do público leitor do cordel, outro que deve ser levado em conta é a situação socioeconômica dele. Como se sabe, foi a “revolução cultural”, Semana da arte moderna de 1922, que elevou a poesia popular à categoria de texto literário. Antes disso, a discriminação à linguagem e por extensão ao povo que não fazia parte do clã dos intelectuais era considerado uma categoria inferior.

Daí, portanto, a aceitação do cordel como literatura que resistia e se identificava com os anseios do povo. Hoje o cordel tem status de literatura



importante, mas não foi sempre assim. O preço do folheto, a qualidade do material de impressão e o local onde era distribuído eram destinados aos pobres. De acordo com Galvão (2010, p.106):

Pode-se afirmar que, em determinada época, o público consumidor de folhetos era constituído predominantemente por “camadas humildes” da população rural ou urbana. (...) Há depoimentos, entretanto, que relativizam a ideia de que o leitor/ouvinte de cordéis era unicamente popular.

Felizmente o cordel ainda continua vivo no gosto do povo mais simples, mas também circula por outros espaços e por todas as camadas sociais. É lido e estudado nas universidades e em outros ambientes que valorizam a cultura popular.

### 3.6 A luz e a influência na leitura e interação da família

Inicialmente o chamado “serão” familiar era realizado em torno do candeeiro. Como já foi citado anteriormente, uma pessoa alfabetizada na família lia os folhetos para os demais. Eram sempre notícias das grandes cidades brasileiras e mais raramente do mundo, já que a comunicação era por demais precária. Devido a essa precariedade, os autores dos folhetos buscavam-nas através das viagens de trem e/ou em montarias nos locais mais próximos possíveis, geralmente na capital, para publicá-las em seus folhetos.

O cordel, em boa parte de sua produção, narrava feitos heroicos, histórias de cangaceiros, de valentões e de coisas sobrenaturais, como bois encantados e outros mistérios, frutos da imaginação humana. Porém, catástrofes da natureza, como enchentes e secas também eram noticiados no cordel e despertava sobremaneira o interesse do povo.

Outro meio que propiciou a reunião familiar foi o aparecimento do rádio por volta dos anos vinte. A família se reunia, geralmente na sala, para ouvir as notícias veiculadas pelo aparelho. Como a posse do rádio, sobretudo quando surgiu, era um privilégio de poucos, somente daqueles mais abastados, era uma prática corriqueira a aglomeração da vizinhança para ouvi-lo.

Entretanto o rádio, sobretudo no Nordeste, foi muito importante para os cantadores e repentistas.

Com a chegada da eletricidade que possibilitou o uso da televisão, ainda que por poucos, as famílias continuaram reunidas em volta do aparelho, já desfrutando de novos recursos trazidos pela tecnologia.

Mesmo com o aparecimento desses meios de comunicação o cordel continua resistindo, não mais com sua finalidade primeira: trazer informação, mas como gênero literário de gosto popular e abrangendo outros espaços até mesmo na televisão.

### 3.7 Grandes escritores de cordel e autoria

Entre muitos produtores de cordel destacam-se Leandro Gomes de Barros (1868-1918); Francisco das Chagas Batista (1882-1930); João Martins de Athayde (1880-1959); Manoel Camilo dos Santos (1905-1987) e José Camelo de Melo Resende (1885-1964). Os nomes citados referem-se aos primeiros cordelistas que tiveram suas obras impressas e reconhecidas, entretanto muitos poetas e cantadores que tinham suas produções somente na oralidade caíram no esquecimento e outras foram usurpadas e registradas como sendo de outra autoria.

Estes autores citados tiveram uma vasta produção de cordel e alguns deles viveram exclusivamente da publicação de suas obras, embora já vivenciassem naquele tempo a falsificação de alguns de seus trabalhos, no que se refere à autoria. Foi por esse motivo que passaram a utilizar o acróstico com seu nome na última estrofe. Essa usurpação de autoria e conseqüentemente da renda de outro, se dava devido ao analfabetismo de muitos autores, como escreveu Diegues Junior (1986 p.48):

O problema da autoria em grande parte, se liga ao problema do analfabetismo. É o que resulta das relações entre a literatura oral e a literatura escrita. O analfabeto, como é a maioria dos poetas populares, inventa ou repete o que ouve, não registra, guarda na memória; o alfabetizado, às vezes nem sempre sendo poeta, registra o que ouviu, e pode divulgar como próprio sem que nisso seja perturbado. Há ausência de prova da criação anterior.

O que se verificou no fragmento acima é o que é denominado de intergenericidade, ou seja, um gênero agrupado, ou com estrutura de outro. Nesse caso, o acróstico na última estrofe do cordel traz o nome do autor nas primeiras letras de cada verso, na vertical. É possível que muitos versos existissem somente

na oralidade e fossem de domínio público. Quando alguém os registrava como sendo de sua autoria, não havia provas para contestação.

Um caso clássico de falsidade ideológica é o que ocorreu entre João Melchíades Ferreira e José Camelo de Melo Resende. Este meteu-se em algumas atrapalhadas e fugiu para o Rio Grande do Norte. Viana (2010 p.88) afirma que “foi nessa época que João Melchíades Ferreira, ajudado pelo violeiro Romano Elias da Paz, se apossou dos originais de *O pavão Misterioso*, fazendo algumas modificações e publicando-o como obra sua”.

Verificou-se que a utilização do acróstico surgiu para garantir a autoria e sobretudo pela falta de registro escrito dos poetas populares analfabetos. Mas, pode um analfabeto “produzir” poesia? Seria uma atribuição, somente dos letrados? Que outro gênero permitiria que uma pessoa sem diploma acadêmico e/ou mesmo sem um bom nível cultural pudesse expressar sentimento, poesia, através da palavra?

Certamente esse é um dos fatores que contribuem para a “eternização” do cordel. Mesmo não tendo o domínio da escrita, o autêntico poeta, cria e memoriza seus versos e o que é mais interessante é que faz tudo rimado e dentro da métrica. Se o poeta não lê, como aprendeu a estrutura do gênero? Foi ouvindo o recital de muitos cordéis e apreendendo o ritmo e a sonoridade. Repetindo versos de autores consagrados e aventurando-se a produzir os seus.

Naturalmente se o talento e a criatividade desses poetas analfabetos estivessem associados a um letramento razoável, certamente eles teriam muito mais facilidade na produção e divulgação de sua poesia. Machado de Assis considerado o maior escritor brasileiro de todos os tempos, não ostentava diploma universitário, mas como autodidata, adquiriu um alto grau de letramento. Não se pretende aqui, principalmente por se tratar de um trabalho acadêmico, fazer apologia ao analfabetismo e desprestigiar a formação universitária, mas mostrar que a criação poética não depende unicamente da aquisição de um diploma, embora talento e conhecimento aliados resultem muitas vezes numa obra prima da literatura.

### 3.8 Análise do cordel *Viagem a São Saruê*

O saruê é um mamífero brasileiro, de pequeno porte, marsupial, de hábitos noturnos e também conhecido como gambá. O autor do cordel em estudo, Manoel

Camilo dos Santos, deve ter colocado o nome do lugar de sua viagem imaginária de São Saruê, como uma espécie de sátira a muitos nomes de lugar que levam nome de santos e também por trazer uma temática surrealista.

*Viagem a São Saruê* é um cordel composto de trinta e três estrofes. Trinta e uma com seis versos de sete sílabas poéticas e duas de dez versos com dez sílabas poéticas. O esquema de rimas das trinta e uma segue o do cordel tradicional: A B C B D B e das duas de dez sílabas é A B B A A C C D D C. Normalmente na história do cordel, os cordelistas mantêm a mesma estrutura do começo ao fim. Justificaria a mudança da estrutura se estivesse formando um acróstico no final, recurso usado pelos autores para identificar e garantir a autoria da obra.

A narrativa inicia-se esclarecendo o que levou o narrador a fazer a viagem a esse lugar fantástico:

*Doutor mestre pensamento  
Me disse um dia: - você  
Camilo vá visitar  
O país São Saruê  
Pois é o lugar melhor  
Que neste mundo se vê.*

O texto traz algumas estrofes falando dos acontecimentos da viagem, mas chama a atenção para chegada do narrador à cidade:

*Avistei uma cidade  
Como nunca vi igual  
  
Toda coberta de ouro  
  
E forrada de cristal  
Ali não existe pobre  
É tudo rico em geral*

E ainda:

*Uma barra de ouro puro  
Servindo de placa eu vi  
Com as letras de brilhante  
Chegando mais perto eu li  
Dizia: - São Saruê  
É este lugar aqui.*

Ao longo do texto encontra-se algumas contradições como a que aparece no início do cordel: o poeta refere-se, inicialmente, a um país, mas, em seguida, passa a descrever uma cidade, que não é nomeada. Esse procedimento é aceitável, pois uma cidade está quase sempre inserida em um país. Entretanto, o que relaciona o lugar São Saruê à idade do ouro não é o ouro literalmente abundante que o visitante encontra logo de chegada, na placa de indicação da cidade, mas a abundância e fartura existentes nela. E ainda, a eterna juventude:

*Lá tem um rio chamado  
O banho da mocidade  
Onde um velho de cem anos  
Tomando banho à vontade  
Quando sai fora parece  
Ter vinte anos de idade.*

Livrar-se da fadiga do trabalho, ter abundância de víveres, muita saúde e viver eternamente feliz é o desejo da humanidade. Isso é o que propõe a mitologia e as religiões, num tempo incerto, que já pode ter sido vivenciado num passado remoto ou ainda esteja por vir. Em São Saruê há tudo que foi mencionado, de uma forma inverossímil, a exemplo da estrofe abaixo, que lembra o lendário poeta do absurdo, Zé Limeira:

*Os pés de chapéus de massa  
São tão grandes e carregados  
Os de sapatos da moda  
Têm cada cachos “aloprados”  
Os pés de meias de seda  
Chega vive “escangalhados”.*

Quando se associa o cordel *Viagem a São Saruê* à obra do poeta do absurdo, não é sem motivo. Veja um verso de Limeira, do livro de Orlando Tejo *Zé Limeira, O Poeta do Absurdo*. Certa vez, numa roda de cantoria, um espectador deu o seguinte mote: *No coração de Maria*. Limeira foi rápido:

*Um dia eu fui à novena  
Na casa de Dona Rita  
Moça de laço de fita  
Fuá de gogó de ema  
Chegou Dona Madalena  
Tia da nega Luzia*

*Quando amanheceu o dia  
Fui pra beira do riacho  
Um burro pulou em baixo  
No coração de Maria.*

Observa-se que não há nexos entre os versos da estrofe apresentada, mas foi essa rapidez do repente e o absurdo das ideias, que tornaram Limeira admirado e aplaudido por onde cantava.

Da mesma forma, nos versos de Manoel Camilo dos Santos, em análise, encontram-se palavras cuja finalidade é tão somente formar a rima e/ou propositalmente promover o absurdo, como é o caso de peixe guisado vir para as casas. Se os peixes vierem para as casas já é bastante absurdo ainda mais estando *guisados*.

*Os peixes lá são tão mansos  
Com o povo acostumados  
Saem do mar vêm pras casas  
São grandes, gordos e cevados  
É só pegar e comer  
Pois todos vivem guisados.*

Em termos de incoerência, a mais evidente está nos dois primeiros versos da vigésima estrofe: *Tudo lá é bom e fácil/ Não precisa se comprar*, quando comparada à vigésima sexta:

*Os pés de notas de mil  
Carregam chega encapota  
Pode tirar-se à vontade  
Quanto mais tira mais bota  
Além dos cachos que tem  
Casca e folha tudo é nota.*

Qual a finalidade de uma árvore de dinheiro se não é preciso se comprar nada nesse lugar? Percebe-se que o lugar imaginário tem forte influência do mundo real do visitante: por mais que ele descreva uma fantasia, sempre faz inconscientemente referência aos valores de sua realidade. Esse dinheiro produzido em notas na árvore poderia ser poemas inéditos, já que ele afirma que durante esses dias ocupou-se em recitar poesias.

Outra passagem incoerente está na penúltima estrofe, a seguir:

*Tudo lá é festa e harmonia  
Amor, paz, benquerer, felicidade  
Descanso, sossego e amizade  
Prazer, tranquilidade e alegria;  
Na véspera de eu sair naquele dia  
Um discurso poético lá eu fiz  
Me deram a mandado de um juiz  
Um anel de brilhante e de “rubim”  
No qual um letrado diz assim:  
- é feliz quem visita este país.*

O narrador faz uma exaltação ao lugar e às pessoas, mas não descreve a forma de governo existente ou não, nem faz menção a algum tipo de religiosidade, exceto a comparação com a Terra Prometida: *Imita muito pela grandeza/ à Terra da antiga promessa/ para onde Moisés e Arão/ conduziam o povo de Israel*. Assim sendo, num lugar maravilhoso, de um povo ordeiro, é dispensável a função de juiz.

As observações feitas concernentes às passagens (algumas) consideradas incoerentes no texto fazem parte da análise, mas não é esse o objetivo, nem se considera que diminua nele a qualidade de texto literário.

O texto traz uma narrativa linear, plana, sem a presença de alguns elementos essenciais da narrativa (conflito e clímax). No cordel Pavão Misterioso, clássico do cordel que também narra uma história fantástica, fica evidente o incidente incitante (quebra da situação inicial) na estrofe abaixo:

*João Batista entrou na Grécia  
Divertiu-se em passear  
Comprou passagem de bordo  
E quando ia embarcar  
Ouviu um grego dizer  
Acho bom se demorar.*

Essa proposta do morador do lugar desencadeou toda a história. Que coisa importante estaria ele insinuando para que a personagem se demorasse na cidade? Certamente seria a aparição anual da moça, um evento extraordinário que estava se aproximando daqueles dias.

Considera-se também o ponto máximo de tensão e expectativa a chegada do “herói” no quarto da donzela. Sem dúvida tem-se nesse momento o clímax do enredo, embora o narrador poderia ter dado um pouco mais de emoção. Eis a estrofe que fala do primeiro encontro:

*Chegou no quarto de Creuza  
Onde a donzela dormia  
Debaixo do cortinado  
Feito de seda amarela  
E ele para acordá-la  
Pôs a mão na testa dela*

*A donzela estremeceu  
Acordou no mesmo instante  
E viu um rapaz estranho  
De rosto muito elegante  
Que sorria para ela  
Com um olhar fascinante.*

Para uma moça que vivia intocável num palácio e de repente receber a visita de um rapaz que chega de forma misteriosa é por demais emocionante. Qual seria a reação dela? Que diálogo e ações poderiam haver entre um rapaz e uma moça inexperientes? De que forma ele poderia tê-la alcançado? É sem dúvida um momento de grande expectativa.

Em *Viagem a São Saruê* há uma sucessão de aventuras, mas nenhum conflito. Entretanto esse contínuo de coisas maravilhosas e nenhum constrangimento faz do cordel analisado uma obra que se insere perfeitamente no ideal da mitológica idade do ouro.

Ainda em relação ao cordel escolhido, além de ele trazer uma temática que agrada e encanta, (uma vida ideal, cheia de tudo abundante, até as mulheres são todas lindas) “*Lá não se vê mulher feia e toda moça é formosa*”, está impregnado de ideologias, valores e forma de ver e sentir as coisas do mundo, relacionados ao contexto social de produção do cordel.

Observe-se que o narrador trata de um povo decente, bom e hospitaleiro, mas descreve da beleza somente das mulheres. É possível se perceber a mentalidade e particularmente nordestina, de que o homem é sempre rude, tosco e que delicadeza e boniteza deve ser uma atribuição, somente do sexo feminino.



Foi dito acima de uma mentalidade particularmente nordestina, mas que também é evidenciada em outras regiões do país, como o verso de Vinícius de Moraes (1959, p 15): “As feias que me perdoem, mas beleza é fundamental”.

O “exagero” de coisas maravilhosas, apresentado no cordel, reflete o oposto: a angústia do sofrimento, o desejo de uma vida melhor, mais digna e sobretudo de suprimento das necessidades básicas, comida e vestuário. O cordel faz referência na maioria das estrofes à comida: galinha, peixe, feijão, queijo, rapadura, carne assada, leite e cana. Importante observar, a importância da literatura no contexto histórico-social. O texto retrata o que é da realidade do autor. Não foi citada aqui nenhuma comida grã-fina. Além de elas não fazerem parte do cardápio dele, não são os alimentos essenciais do dia a dia.

O texto permite que se faça uma leitura mais aprofundada do que não foi dito, do que se pode depreender dele. Inconscientemente, há um grito por justiça e igualdade. As coisas boas existentes no país de São Saruê, exceto ao que é surreal, é uma utopia para as massas e uma realidade para poucos. Enquanto alguns sobejam, esbanjam, ostentam, a maioria passa fome.

Do ponto de vista da análise literária o cordel tem uma leitura leve, fala dessa viagem sugerida pelo pensamento e termina convidando o leitor para viajar também. Viajar no pensamento, na aventura, na poesia e finalmente em tudo que o texto literário proporciona.

#### 4 CONSIDERAÇÕES SOBRE LEITURA

A concepção de leitura vai além da decodificação da palavra. Há uma frase conhecida de Paulo Freire (1996) em que ele afirma que a leitura de mundo antecede a da palavra e isso se confirma porque desde a mais tenra idade a criança faz suas leituras, distingue a fisionomia da mãe da de outras pessoas e ao longo da vida continua lendo. De acordo com esse autor (1996), o universo temático é o mundo da cultura das pessoas e a base para se edificar o universo vocabular.

Assim, o conceito de cultura tem profundo enraizamento antropológico na obra freiriana, reconhecendo a possibilidade de os seres humanos exercerem papel ativo na relação com suas realidades, quando as ideias e os atos são produções culturais e não elementos estranhos ao ser humano. Na concepção de educação de Freire (1996), (sempre Educação Popular) o diálogo possui a radical dimensão ontológica, quando o quadro de poder é redefinido e a relação educando/educando passa a ser o centro no processo de aprendizagem. O diálogo torna possível a produção do saber a serviço do alívio do sofrimento humano e a abertura à crítica e à reinvenção do conhecimento. A partir das ideias de Freire (1996), o processo de produção do conhecimento dá-se pela apreensão imediata, pela meditação, pela intersubjetividade, pelo qualificado diálogo com o conhecimento organizado e com os imperativos de aplicação do mesmo conhecimento. Nesse sentido, Freire propõe uma educação dialogada que considera os saberes da comunidade e aqui fazendo uma ligação com este trabalho, uma vez que tem por base a análise de um determinado cordel e sua aplicação em uma intervenção pedagógica por meio de uma oficina de cordel realizada com estudantes de EJA, visto que o cordel é um “lugar” onde os saberes da comunidade ganham grande espaço.

Como embasamento teórico para este trabalho, pretende-se aqui discorrer sobre a leitura de gêneros textuais, que são todos os textos que circulam socialmente, têm uma finalidade e uma forma mais ou menos estável. Conforme Marcuschi (2008, p.155)

Os gêneros textuais são os textos que encontramos em nossa vida diária e que apresentam padrões sociocomunicativos característicos definidos por composições funcionais, objetivos enunciativos e estilos concretamente realizados na integração de forças históricas, sociais, institucionais e técnicas.

Essa definição dada por Marcuschi (2008) remete a um tempo muito anterior que foi o de Bakhtin (2003), em seu livro *Estética da criação verbal*, em que ele introduzia as reflexões sobre dialética, interação entre os interlocutores na conversação e gêneros textuais. Essas ideias eram opostas ao estruturalismo de Ferdinand Saussure (2006).

Diante disso, levou algum tempo para que no Brasil os educadores começassem a compreender que toda comunicação verbal, oral ou escrita, é feita por meio de um gênero textual. Daí a necessidade de se fundamentar o ensino da Língua Portuguesa não na memorização de regras gramaticais e/ou frases soltas, mas na análise linguística dos textos que farão parte do cotidiano dos alunos. Em se tratando de leitura sem interação, Irandé Antunes (2003, p. 27) sinaliza que

Uma atividade de leitura centrada nas habilidades mecânicas de decodificação da escrita, sem dirigir, contudo, a aquisição de tais habilidades para a dimensão da interação verbal – quase sempre, nessas circunstâncias, não há leitura, porque não há “encontro” com ninguém do outro lado do texto.

Percebe-se, portanto, que leitura tem que ser plena. Tem que haver “sujeitos” com vontades, intenções e interações.

#### 4.1 Concepções de leitura

Há basicamente três concepções de leitura discutidas por Koch (2005). A primeira apresenta a língua como representação do pensamento. Nessa concepção, o sujeito da enunciação é responsável pelo sentido. O leitor tão somente se questiona sobre o que o autor quis dizer. Nessa perspectiva o sentido está evidenciado no enunciador e pressupõe um leitor passivo.

A segunda concepção de língua, como estrutura, desconsidera tanto o produtor quanto o leitor; quem fala na verdade é um sujeito anônimo, social, do qual o locutor é dependente. Nesse caso, a fonte do sentido é a formação discursiva a que o enunciado pertence. A autora usa o termo “assujeitamento” que tanto diz respeito ao locutor quanto ao interlocutor, ou seja, toda possibilidade de sentido está no enunciado.

Na terceira concepção, que foi preconizada por Bakhtin (2003), há a compreensão da língua como lugar de interação. O sujeito é um ser ativo, social e historicamente portador de valores e conhecimentos que incidem diretamente na ação comunicativa, diferentemente dos sujeitos das concepções anteriores que foram desconsiderados na produção de sentido na enunciação e denominados “assujeitados”.

Relativamente à concepção de texto e de sentido, há uma continuidade do que foi exposto anteriormente, como afirma a autora: “o próprio conceito de texto depende das concepções que se tenha de língua e de sujeito” (KOCH 2005, p,16)

Assim sendo, na primeira concepção, a do pensamento, o texto é visto como um produto lógico e completamente centrado no autor que vai determinar todo o sentido, eliminando o leitor e confirmando sua passividade.

O texto, na visão de estrutura, é simplesmente também um produto que está codificado e deve ser decodificado. Para essa tarefa é suficiente apenas saber decodificá-lo. Entende-se que o texto é plenamente suficiente para a obtenção do significado.

Finalmente, na concepção interacional e dialógica da língua “os sujeitos são vistos como atores/construtores sociais, o texto passa a ser considerado o próprio lugar da interação. ” (KOCH 2005, p.17). Refletir acerca de interação e dialogicidade é levar em conta a contribuição dos sujeitos, a tríade produtor/texto/leitor e seus conhecimentos enciclopédicos, históricos e suas capacidades de se posicionarem ativamente diante do que leem ou analisam. Dessa forma, é possível afirmar que o sentido do texto, ao contrário de ser um produto, algo pronto, é antes de tudo uma construção feita pelos atores do processo.

Para Dascal (1992, p. 31, apud KOCH, 2005, p. 16), “o homem seria assim, um caçador de sentidos, um bem precioso, que se encontra para sempre de certa forma escondido”. Para tanto, ele propõe a analogia do *iceberg*. Segundo ele, o modelo criptológico que pressupõe todo o sentido no texto, em relação ao iceberg, considera que esse mesmo sentido se encontra um pouco abaixo da superfície; basta saber como buscá-lo. Para o modelo pragmático, na mesma metáfora proposta, o sentido está um pouco mais profundo, inerente às intenções de quem produziu o texto.

Assim, cada modelo de interpretação assume um lugar no *iceberg*, partindo da ponta que está exposta até as partes mais profundas. Os defensores do sentido

hermenêutico consideram o texto como portador de todo sentido e, como propõe Dascal (1992), na metáfora, recusam-se a mergulhar na água. Pressupõem que o sentido se encontra na parte exposta do *iceberg*, no co-texto.

Embora haja diferentes concepções sobre onde exatamente se encontra o sentido do texto, para Koch (2005) não se pode dissociar sujeito-leitor, do sujeito-produtor e do texto. O que ocorre é uma atividade sociocomunicativa. .

#### 4.1.1 Objetivos da leitura

Segundo Koch (2018, p.19), “a constante interação entre o conteúdo do texto e o leitor é regulada também pela intenção com que lemos o texto, pelos objetivos da leitura.”

Assim sendo, a leitura sinaliza várias finalidades: quando alguém lê um jornal ou revista busca informação; a leitura de um poema, conto ou romance visa o deleite, entretenimento; uma dissertação, tese e livros acadêmicos são lidos quando se busca fundamentação teórica para trabalhos científicos. Seria uma enumeração infindável de propósitos de leitura, desde uma bula de remédio, receita culinária, dicionário, horóscopo, outdoor até uma lista de compra, tudo são leituras e têm uma finalidade.

No entanto, em se tratando de escola, qual seria a finalidade do texto na sala de aula? Não será que muitas leituras tenham um objetivo apenas pedagógico? Dessa forma, em muitos casos as aulas de Língua Portuguesa acabam se tornando cansativas e desestimuladoras. É bem verdade que alguns gêneros textuais lidos em sala de aula não tenham a mesma finalidade de quando aparecem no suporte original, a exemplo da notícia. Na sala de aula, a leitura da notícia se restringe ao estudo da organização composicional e da análise linguística.

Os gêneros literários são muito atraentes desde que conduzidos para a leitura de deleite, fruição e não para prestar um resumo ou para uma sabatina rigorosa que ocasionará mais em memorização, que com pouco tempo se esquece, do que a introdução do leitor a um gosto literário. De acordo com Geraldi (1997), os leitores proficientes não leem para prestar conta.

Sem generalizações, a escola, que deve ser um lugar de leitura por excelência, contraditoriamente, em muitos casos, não está efetivando essa prática.

#### 4.1.2 A escola como lugar de excelência da leitura

Refletiu-se até aqui sobre algumas concepções de leitura, sobre objetivos, mas tornam-se necessárias certas considerações sobre o papel da escola nesse processo. Compreende-se que nela, e não só na Língua Portuguesa, mas nas demais disciplinas os estudantes encontrem todos os recursos que propiciem a prática regular da leitura. Seja com objetivos didáticos, seja por fruição, a escola não pode se eximir da sua principal atribuição: a formação intelectual do aluno e isso passa necessariamente pela leitura.

Ao considerar o patrimônio linguístico que o aprendiz já traz quando ingressa numa instituição escolar, parece para muitos, que não há o que ensinar em termos de língua, mas não é bem assim. Considera-se o que ele tem, sem ridicularização, às vezes, e ensina-se a norma padrão que ele vai necessitar para a inserção dele no mundo social em que se exija essa modalidade da língua.

Não sendo assim, a escola se esvaziaria. Certamente que ela não seja o único ambiente de aprendizagem, mas deve assumir sua principal função: a de ensinar. Sobre esse assunto afirma Possenti (1996, p.17):

É importante que este tópico fique claro, e esteja na memória do leitor, quando estiver eventualmente achando estranha alguma das teses seguintes. Talvez deva repetir que adoto sem qualquer dúvida o princípio (quase evidente) de que o objetivo da escola é ensinar o Português padrão, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido.

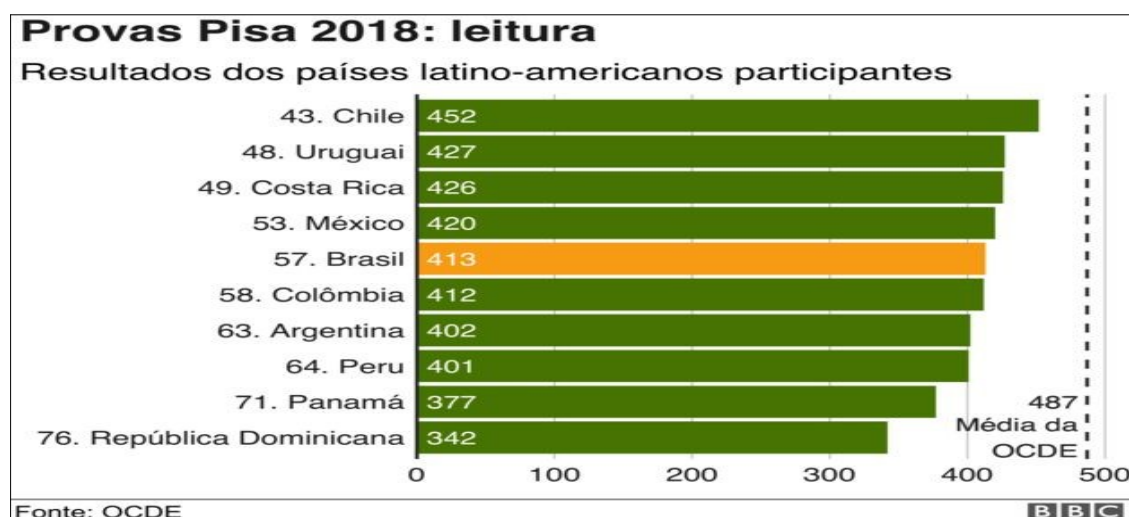
Desse modo, compreende-se o que se tem falado sobre a responsabilidade da escola com o ensino. Um aluno proficiente na leitura, certamente se sobressairá bem em todas as disciplinas.

Ainda sobre a importância da leitura na escola, o mesmo autor, Possenti (1996 p.89) conclui: “ Assim, a escola deveria acreditar que a saída é ler muito, aumentar o repertório do aluno, suas possibilidades de contato com mundos linguísticos que ele ainda não conhece através dos livros”.

Finalmente, não se esgota aqui, tudo o que se precisa saber sobre leitura, mas dá para se perceber a importância dela, não só no ambiente escolar, mas sobretudo na vida social e profissional do indivíduo.

Levando em conta vários fatores, entre eles o analfabetismo que se abordará no capítulo seguinte, a falta de recursos financeiros para aquisição de livros, falta de tempo, visto que muitos precisam trabalhar para se manter e manter a família, e ainda falta de ambiente para estímulo à leitura, é preciso principalmente que a escola crie espaços para a leitura como uma prioridade, não somente na disciplina de Língua Portuguesa, mas em todas as demais, pois o Brasil está muito aquém no *ranking* internacional. Conforme ilustração abaixo que expõe o gráfico, o Brasil está na 57ª posição no mundo e em 5º lugar em relação aos países latino-americanos, ficando atrás até mesmo da Costa Rica.

Gráfico 1: demonstrativo do resultado referente à leitura- Pisa 2018



A avaliação PISA é realizada a cada três anos pela OCDE- Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico com alunos da faixa etária de 15 anos. Como se percebe, o Brasil precisa melhorar; para tanto é preciso que haja leitura e com qualidade. Deve haver mais investimento em bibliotecas e os meios de comunicação de massa, que em muitos casos manipulam as opiniões, poderiam investir mais em programas que incentivassem a leitura. O cenário da educação brasileira seria outro se uma frase célebre de Monteiro Lobato fosse, de fato, levada a sério: “um país se faz com homens e livros”.

Entre outras datas comemorativas, sete de janeiro poderia ser uma data importante no calendário nacional. É o dia do leitor, mas passa desprestigiada e sem divulgação.

#### 4.1.3 O analfabetismo no Brasil

Esse baixo rendimento da educação brasileira no PISA – *Programme for International student assessment* foi obtido a partir de pesquisas com alunos de faixa etária de quinze anos “alfabetizados”. Mas o Brasil, segundo O IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, tem 11,3 milhões de analfabetos, também acima de quinze anos e, infelizmente, a maior parte está no Nordeste.

O Plano Nacional de Educação – PNE tinha como meta baixar o analfabetismo no Brasil para 6,5% em 2015 e erradicá-lo até 2024, mas como se percebe no gráfico exposto na ilustração abaixo, não conseguiu, embora tenha baixado significativamente. Os dados expostos nos quadros que seguem abaixo foram fornecidos pelo IBGE em junho de 2019, na última pesquisa por amostra de domicílios contínua.

Gráfico 2: média nacional de analfabetismo

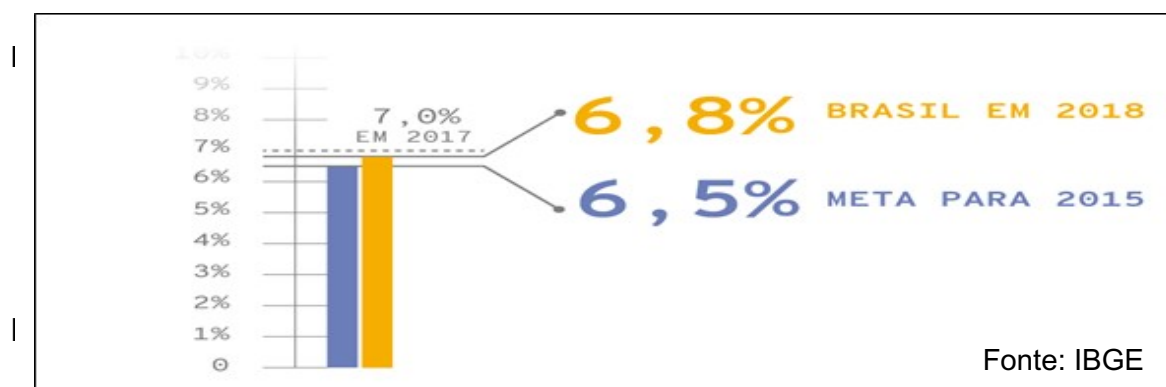
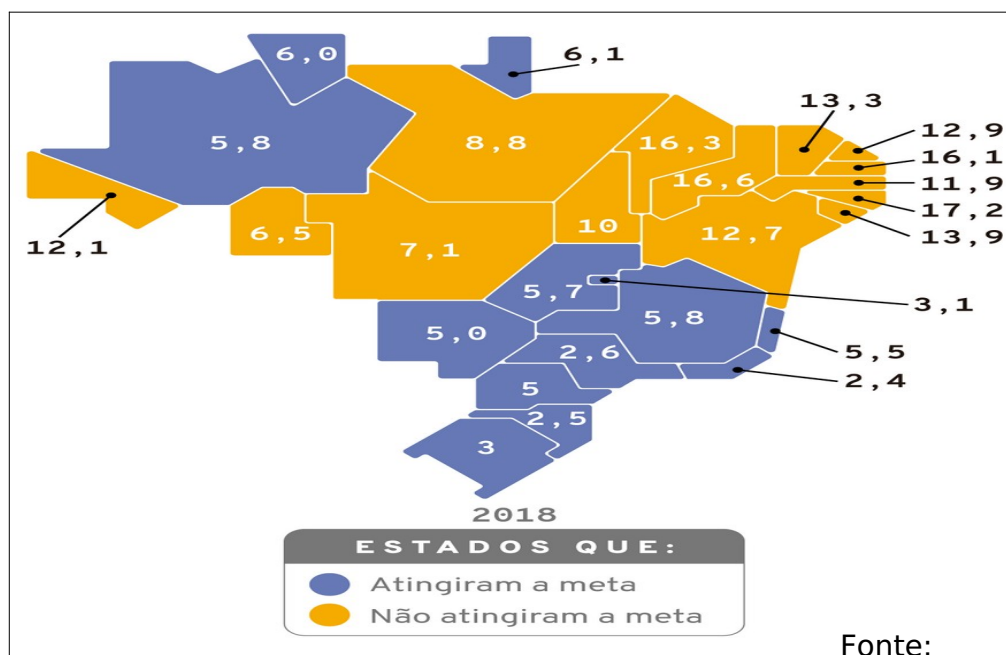


Figura 1: Taxa de analfabetismo em 2018 - População de 15 anos ou mais





O gráfico 2 expõe a média nacional de analfabetismo; em seguida, há na figura 1 que apresenta detalhamento da situação de analfabetismo por estados e, como já foi citado, a maior concentração de analfabetos está no Nordeste. Os estados com a legenda azul atingiram a meta e entre eles a melhor média foi a do estado do Rio de Janeiro com 2,4 percentual; em seguida veio Santa Catarina, com 2,5. Entre os que não atingiram a média, com legenda amarela, a pior média foi de Sergipe, com 17,2 e, em seguida, o estado do Piauí com 16,6 percentuais

Diante dessa realidade, compreende-se que seja necessário intensificar dinâmicas mais efetivas dos governantes, da sociedade em geral e, sobretudo, dos que fazem a Educação de Jovens e Adultos – EJA para reverter esses números. Outra estratégia pertinente seria cuidar bem do ensino regular para que, de fato, os estudantes aprendam e o país não “mascare” os resultados enchendo a sociedade de analfabetos funcionais.

#### 4.1.4 Analfabetismo funcional

A Unesco define analfabetismo funcional como a situação de instrução de alguém que assina o próprio nome ou é capaz de fazer cálculos simples e ler palavras e frases isoladas, mas não é capaz de interpretar o sentido dos textos, não é capaz de usar a leitura e a escrita para seu desenvolvimento pessoal, nem para fazer frente às suas demandas sociais.

Compreende-se, portanto, que se configura como tão grave quanto o analfabetismo no verdadeiro sentido da palavra, é esse analfabetismo “alfabetizado”. O cenário do desemprego expõe dados alarmantes, mas contraditoriamente, muitas empresas oferecem vagas que não são preenchidas por falta de mão de obra especializada. Isso tem a ver com o baixo nível de escolaridade e/ou incompetência (analfabetismo funcional) dos pretendentes.

#### 4.2 A leitura do texto literário na sala de aula

A leitura é uma atividade individual e possível a qualquer pessoa alfabetizada. Entretanto, quando se trata do texto literário, há de se levar em conta alguns fatores, entre eles que a competência de ler, e trata-se aqui não somente decodificar, é aprendida, e essa é a principal atribuição da escola. Salvo alguns poucos casos de pessoas autodidatas, é no ambiente escolar que o aluno tem o primeiro contato com a leitura e a educação sistematizada não pode se eximir desse compromisso.

Há um equívoco em alguns educadores de que somente colocar o livro na mão do aluno sem um planejamento de estudo, seja suficiente para o letramento literário. Sobre isso Cosson (2019, p.30) sinaliza que

É justamente para ir além da simples leitura que o letramento literário é fundamental no processo educativo. Na escola, a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito de linguagem.

É importante lembrar que a sistematização da leitura do texto literário pela escola não se pauta no preenchimento de fichas e catalogação de autores, mas sobretudo fazer um estudo orientado e dar subsídio ao estudante, para que a leitura não se torne apenas obrigatória e mecânica. Conforme afirma Cosson (2019, p.30), “o segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras”. Pode-se concluir então que a literatura introduz o leitor nesse mundo feito de palavras, mas a escola precisa cumprir o seu papel de mediadora.

Esse equívoco de interpretação ao compreender e praticar certas propostas que se apresentam na educação no Brasil também ocorreu quando foi proposto, o que não era novo, mas no Brasil chegou décadas posteriores, a aprendizagem construtivista. Muitos resistiram e outros aderiram à proposta, entendendo que o estudante iria construir o conhecimento sozinho. Bastava enchê-lo de atividades e livros e deixá-lo à deriva no mar do conhecimento.

Embora se fale em algumas passagens em ação solitária na produção e na leitura, o texto se constitui num objeto de interação entre produtor e leitor, da mesma forma que, e talvez mais ainda, deva haver entre professor e aluno, na mediação do conhecimento. Lajolo (1993, p.52) enfatiza sobre a leitura do texto literário:

O texto não é pretexto para nada. Ou melhor, não deve ser. Um texto existe apenas na medida em que se constitui ponto de encontro entre dois sujeitos: o que escreve e o que lê; escritor e leitor, reunidos pelo ato solitário da leitura, contrapartida do igualmente ato da escritura.

Diante disso, compreende-se que o texto se consolida com a leitura, ou seja, que o leitor é coautor dele. Ainda tratando de texto na sala de aula e para que não se torne meramente um pretexto, é necessário haver uma relação intrínseca entre professor e leitura. Caberia aqui uma alteração de sentido no conhecido dito popular, de “faça o que eu digo, mas não faça o que faço”, para, “faça o que eu digo e faça o que eu faço”. Dessa forma, a melhor maneira de incentivar o aluno a ler, não somente como uma atividade didática, mas proficiente, é pelo exemplo do professor. A esse respeito, Lajolo (1993, p.52) afirma:

Em resumo, se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor. E, à semelhança do que ocorre com ele, são igualmente grandes os riscos de que o texto não apresente significado nenhum para os alunos, mesmo que eles respondam satisfatoriamente a todas as questões propostas.

Assim, observa-se o êxito do texto literário na escola, sobretudo nas aulas de Língua Portuguesa, só se efetivará com a mediação do professor.

## 5 O CORDEL COMO GÊNERO DE LEITURA ATRAENTE PARA A EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS

Conforme os dados demonstrados anteriormente nos quadros, o analfabetismo no Brasil foi considerado nas estatísticas, referente à população acima de quinze anos. Pressupõe-se que os menores dessa idade, mesmo que com alguma deficiência na leitura, estejam matriculados em algum estabelecimento de ensino e com possibilidade de alfabetizar-se. Mesmo que ainda não plenamente, a oferta na educação pública no Brasil melhorou não só na disponibilidade de vagas para todos, mas também em outros fatores que contribuem para a permanência do aluno na sala de aula como: transporte, fardamento, merenda, livro didático e ainda um incentivo financeiro para as famílias mais carentes.

Tudo que foi citado tem como objetivo mostrar que quem é alfabetizado e/ou está no processo de alfabetização não causa preocupação. O que preocupa e precisa de uma atenção especial são os 11,3 milhões de analfabetos comprovados nas estatísticas.

Dessa forma percebe-se que esse público analfabeto se enquadra perfeitamente na modalidade de ensino EJA, exatamente porque a proposta da alfabetização de Jovens e Adultos tenta, num tempo mais curto, dar ao aluno a oportunidade que muitos não tiveram na idade própria, no ensino regular.

Há de se convir, entretanto, que a dificuldade para a educação do adulto trabalhador que na maioria das vezes é quase nômade, devido às condições de trabalho sazonais, um tempo menor na duração do curso e outros fatores, é bem maior do que um estudante com idade e ano escolar compatíveis.

O exposto faz acreditar que, como a leitura é essencial em todas as áreas do conhecimento e não somente uma atribuição da Língua Portuguesa, o cordel, cuja leitura pode ser rápida, dinâmica, com temas variados e interessantes, possa se constituir numa porta de entrada para a leitura de iniciação.

Aliás, não custa lembrar que, historicamente, o cordel já serviu a esse fim: muitos amantes do cordel procuraram alfabetizar-se para ter acesso a esse tipo de leitura ou se alfabetizaram em contato com o folheto de cordel, mesmo que sem frequentar a sala de aula.

## 5.1 Cordel e poesia popular – poema e poesia

Todo cordel pode ser classificado como poesia popular, mas nem toda poesia popular é cordel. A diferença está na organização composicional. A poesia popular não tem compromisso com uma estrutura fixa como o cordel. Patativa do Assaré se auto intitulava bardo popular, e seus textos, embora sejam rimados e obedeçam a alguma métrica, têm uma tendência mais para a poesia de denúncia das injustiças sociais sofridas principalmente pelo povo nordestino. Em uma entrevista ao programa de Jô Soares, o próprio Patativa (1993) assevera:

Meu nome é muito conhecido e eu sou muito rico de comunicação, de fraternidade. Nunca fiz profissão da minha vida porque não quis, a gente só é feliz fazendo o que gosta. Eu sou poeta do povo, um poeta social

A citação confirma como ele se autodenominava literariamente. Patativa do Assaré sinalizava que criava dois tipos de poemas: a poesia cabocla ou matuta e a poesia em forma literária (CARVALHO, 2009). A característica que diferencia essas duas modalidades é a variedade linguística empregada. Assim, a poesia cabocla/matuta contempla a variedade não padrão, enquanto a poesia em forma literária se utiliza da variedade padrão. Ao utilizar duas modalidades linguísticas diferentes e com distinto prestígio social o poeta constituiu sua ideologia poética.

Nessa perspectiva, compreende-se que a linguagem da poesia cabocla/matuta possui uma série de alterações em relação à Língua Portuguesa padrão. A utilização dessa variante faz com que o poeta dê voz ao próprio sertanejo com uma linguagem tão singular. Assim, Patativa do Assaré faz uso de sua palavra poética com o objetivo de divulgação social, denunciando as mazelas vigentes da época em que viveu.

Embora o cordel também possa trabalhar essa temática, tende de certa forma para o jocoso, exceto quando trata de tema religioso ou realiza a narração de algum fato histórico.

Em relação às considerações sobre poema, tende-se a classificá-lo na perspectiva do gênero textual, levando-se em conta suas particularidades: estrutura e finalidade. Conforme Zilberman (1993, p.76):

O poema é um discurso fechado formando um universo, reinventando a cada vez suas regras. O “desmontar” do texto poético significa

compreender estas regras, não em sua teoria, mas em sua evidência prática, na realidade da estrutura verbal organizada.

De acordo com a autora que finaliza com a frase “estrutura verbal organizada” sugerindo, portanto, uma ratificação da definição de poema

É muito comum alguém dizer: “vou recitar uma poesia”. No domínio público, poema e poesia são a mesma coisa, mas para efeito de estudo literário, tem-se no poema o gênero literário em forma de versos que pode ter poesia, ou às vezes não. Isto é fato. Nem todo poema é poético. A poesia é o que desperta o sentimento do belo. Seja no poema, numa pintura, na música e até mesmo num texto em prosa. Para exemplificar, citamos a abertura do romance *Iracema*, de José de Alencar (1991, p.4):

*Verdes mares bravios de minha terra natal,  
onde canta a jandaia nas frondes da carnaúba;  
verdes mares que brilhais como líquida  
esmeralda aos raios do Sol nascente,  
perlongando as alvas praias ensombradas de  
coqueiros. Serenai verdes mares, e alisai  
docemente a vaga impetuosa, para que o barco  
aventureiro manso resvale à flor das águas,  
onde vai a afouta jangada, que deixa rápida a  
costa cearense, aberta ao fresco terral a grande  
vela? Onde vai como branca alcione buscando  
o rochedo pátrio nas solidões do oceano? Três  
entes respiram sobre o frágil lenho que vai  
singrando veloce, mar em fora. Um jovem  
guerreiro cuja tez branca não cora o sangue  
americano; uma criança e um rafeiro que viram  
a luz no berço das florestas, e brincam irmãos,  
filhos da mesma terra selvagem [...]*

Percebe-se que o fragmento faz parte de um romance da primeira geração romântica no Brasil e, portanto, como é próprio do romantismo, emprega figuras de linguagem em abundância, sendo mais frequente a comparação, além do abuso dos adjetivos. Assim, exemplifica bem o que, na análise literária, se chama de prosa poética.

Como já mencionado anteriormente, há distinção entre poema e poesia. Na poesia concreta em que os autores buscavam efeitos visuais e cinéticos, havia uma experimentação de sentidos e formas, mas não necessariamente, poética. Um pouco

antes do movimento literário, concretista no Brasil, os escritores modernistas além de romperem com a estrutura rebuscada nos poemas dos escritores parnasianos, como sejam, métrica e rima, também buscaram como temática aspectos sociais e uma literatura mais sintonizada com um Brasil literariamente autônomo.

No poema “pronominais” do modernista Oswald de Andrade (2005), compreende-se a reflexão do autor, mais com a realidade linguística do povo, do que com a sensibilidade poética.

#### *PRONOMINAIS*

*Dê-me um cigarro  
Diz a gramática  
Do professor e do aluno  
E do mulato sabido  
Mas o bom negro e o bom branco  
Da nação brasileira  
Dizem todos os dias  
Deixa disso camarada  
Me dá um cigarro*

Além desses aspectos observados até aqui, faltou ser mencionado o que na compreensão de um texto é essencial: a relação direta e facilmente perceptível entre textos de diferentes gêneros e/ou diferentes épocas, que é a intertextualidade. Nesse sentido, quanto maior for a quantidade de leitura do indivíduo, mais ele vai enriquecendo seu conhecimento enciclopédico. Isso está diretamente ligado a uma habilidade de leitura que consiste em comparar e relacionar textos e contextos, observando o que é semelhante e o que é diferente entre eles, considerando o contexto de produção e recepção, conforme consta nas competências e habilidades a serem desenvolvidas em Língua Portuguesa nos Parâmetros Curriculares Nacionais-PCN (1999, p.142):

Analisar os recursos expressivos da linguagem verbal, relacionando textos/contextos, mediante a natureza, função, organização, estrutura, de acordo com as condições de produção/recepção (intenção, época, local, interlocutores participantes da criação e propagação de ideias e escolhas).

Essa habilidade citada nos PCN é apenas uma das que se espera que ao final do Ensino Médio o aluno domine satisfatoriamente.

Há, nesse fragmento de *Viagem a São Saruê*, um exemplo de intertextualidade. Se o leitor desconhecer a passagem bíblica, comprometerá parte da compreensão do texto:

*imita muito bem pela grandeza  
a terra da antiga promessa  
para onde Moisés e Aarão  
conduziam o povo de Israel,  
onde dizem que corriam leite e mel  
e caía manjar do céu no chão.*

Na intervenção pedagógica que faz parte da estrutura deste trabalho, será realizada uma oficina de leitura com cordel. Para que se atinja o objetivo que é motivar o aluno adulto a interessar-se pela leitura, o texto a ser trabalhado é o cordel *Viagem a São Saruê*. É um texto que retoma alguns elementos do mito da Idade do Ouro (ver anexos) e trata de um lugar fantástico. Não fica claro, entretanto, se é neste mundo ou em outra dimensão. O que importa é que é uma leitura agradável.

Nessa perspectiva é propósito de se trabalhar na oficina toda a estrutura do cordel, analisando as partes, propondo uma leitura compartilhada, ritmada e finalmente a socialização do tema. Ainda faz parte da oficina dar subsídio aos alunos que queiram se aventurar na produção de cordel.

O detalhamento do procedimento metodológico, objetivos, justificativa virá no capítulo específico da oficina.



## 6 INTERVENÇÃO PEDAGÓGICA: OFICINA DE LEITURA E PRODUÇÃO DE CORDEL

### INTRODUÇÃO

Faz parte da conclusão do Mestrado profissional em Letras – Profletras a proposta de uma intervenção pedagógica a ser implementada na escola (pública) onde o candidato está lotado. A proposta que se apresenta aqui é a realização de uma oficina de leitura de cordel numa turma de EJA- Educação de Jovens e Adultos, Eixo V que corresponde ao 8º e 9º anos.

A escolha dessa oficina de cordel está relacionada aos seguintes motivos: há consenso, que a escola especialmente nas aulas de Língua Portuguesa, precisa de leitura. Também sabe-se e é fato, até mesmo pelo que foi mostrado nos gráficos deste trabalho, que a leitura é pouco praticada no Brasil, haja vista as avaliações externas. E por que uma oficina de leitura?

Na oficina trabalha-se, e aqui refere-se ao cordel especificamente, em primeiro lugar a compreensão e interpretação do tema abordado, relacionando-o ao ambiente do aluno, às suas experiências, à sua linguagem, havendo assim, uma identificação.

Outro aspecto apresentado na oficina é o conhecimento da estrutura do gênero: estrofes, versos e rimas, que implicará no ritmo e na sonoridade da leitura, tornando-a atrativa, uma vez que o cordel é atrativo para todas as idades, conforme Marinho e Pinheiro (2012 p.51) enfatizam: “Na escola, nas ocasiões de leitura ou à noite, antes de as crianças dormirem, o cordel poderia ocupar um lugar privilegiado ao lado da literatura infantil”.

Dessa forma para um público (adultos e jovens fora de faixa) que quase sempre não praticam a leitura, iniciar por uma descontraída e lúdica parece ser uma boa forma de aproximá-lo do privilegiado mundo de leitores.

Entretanto tratar de cordel é um campo muito amplo, porque envolve vários autores, temas diversificados e muitos vieses que se apresentam na mesma literatura. Levando-se em conta o que foi citado, buscou-se ser mais específico escolhendo o cordel *Viagem a São Saruê* de Manuel Camilo dos Santos, por ser um clássico da literatura de cordel e falar de uma viagem fantástica, cheia de abundância, paz e felicidade que é um desejo da humanidade, particularmente do Nordeste que sofre os flagelos da seca e outras intempéries.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Esta intervenção pedagógica se constitui como uma proposta de utilização do cordel como ferramenta pedagógica no ensino de Língua Portuguesa na Educação de Jovens e Adultos, em virtude de o cordel ser uma literatura popular e acessível e trazer temas diversos e instigantes para o público adulto.

O cordel utilizado foi *Viagem a São Saruê*, de Manuel Camilo dos Santos. O texto apresenta uma sucessão de aventuras, mas nenhum conflito. Entretanto esse contínuo de coisas maravilhosas e nenhum constrangimento faz do cordel analisado uma obra que se insere perfeitamente no ideal da mitológica idade do ouro.

Ainda em relação ao cordel escolhido, além de ele trazer uma temática que agrada e encanta, (uma vida ideal, cheia de tudo abundante, até as mulheres são todas lindas) “*Lá não se vê mulher feia e toda moça é formosa*”, está impregnado de ideologias, valores e forma de ver e sentir as coisas do mundo, relacionados ao contexto social de produção do cordel.

Observe-se que o narrador trata de um povo decente, bom e hospitaleiro, mas descreve da beleza somente das mulheres. É possível se perceber a mentalidade e particularmente nordestina, de que o homem é sempre rude, tosco e que delicadeza e boniteza deve ser uma atribuição, somente do sexo feminino.

O “exagero” de coisas maravilhosas, apresentado no cordel, reflete o oposto: a angústia do sofrimento, o desejo de uma vida melhor, mais digna e sobretudo de suprimento das necessidades básicas, comida e vestuário. O cordel faz referência na maioria das estrofes à comida: galinha, peixe, feijão, queijo, rapadura, carne assada, leite e cana. Importante observar, a importância da literatura no contexto histórico-social. O texto retrata o que é da realidade do autor. Não foi citada aqui nenhuma comida grã-fina. Além de elas não fazerem parte do cardápio dele, não são os alimentos essenciais do dia a dia.

O texto permite que se faça uma leitura mais aprofundada do que não foi dito, do que se pode depreender dele. Inconscientemente, há um grito por justiça e igualdade. As coisas boas existentes no país de São Saruê, exceto ao que é surreal, é uma utopia para as massas e uma realidade para poucos. Enquanto alguns sobejam, esbanjam, ostentam, a maioria passa fome.

Do ponto de vista da análise literária o cordel tem uma leitura leve, fala dessa viagem sugerida pelo pensamento e termina convidando o leitor para viajar também.

Viajar no pensamento, na aventura, na poesia e finalmente em tudo que o texto literário proporciona.

### 3 OBJETIVOS

#### OBJETIVO GERAL

- Desenvolver no aluno a capacidade de ler e escrever, iniciando pelo cordel, como forma de promover nele o protagonismo e a apreensão do mundo.

#### OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Aproximar o texto (cordel) da realidade de vida do aluno como meio socializador.
- Incentivar e aprimorar o gosto literário especialmente pelo cordel.
- Promover a socialização de leitura coletiva.
- Conhecer as especificidades do cordel na organização composicional (estrofe, verso, rima e esquema de rima) que produzem sonoridade e ritmo.
- Subsidiar com técnicas específicas de produção de cordel para os alunos que desejarem produzi-lo.

### 4 JUSTIFICATIVA

A leitura certamente vai fazer parte da vida inteira do estudante, seja na esfera doméstica, profissional ou até mesmo artística. Dessa forma, a escola não pode perder de vista seu principal papel que é o de prepará-lo para esses desafios. Sabe-se que o uso da língua com competência é essencial para a inserção mais eficaz do indivíduo, como sujeito participativo no mundo competitivo em que se vive.

Ciente dessa importância é que se propõe uma oficina de leitura com cordel uma vez que se trata de um gênero textual de fácil acesso, baixo custo e com temas quase sempre lúdicos. Também na oficina trabalha-se técnicas de leitura, (individual e partilhada) conhecimento do gênero, finalidade, pausas, inferências. Cosson, (2019) propõe que se deve omitir o parágrafo que finaliza o texto, não para que os alunos adivinhem o final, mas para que eles criem um final coerente. No caso específico do cordel omitindo-se a última estrofe já é um bom momento para o aluno treinar a produção, visto que ele tem que apenas dar continuidade ao sentido e ao esquema de rimas.

Não se tem a pretensão aqui de achar que todo problema de leitura na escola ou fora dela, vá ser resolvido como uma mágica, pela oficina, mas se bem conduzida, com objetivos definidos, pode-se assegurar que como afirma Marinho e Pinheiro (2012) a proposta inicial não é de formar poetas, isso depende de outros fatores, (embora alguns possam surgir dessa iniciação), mas certamente está se preparando leitores proficientes.

## 5 PASSOS METODOLÓGICOS

No aspecto da estruturação física do ambiente onde se realizará a oficina o primeiro passo será a tematização da sala. Providenciar cordéis e expô-los em cordões fixados com prendedores, para dar a sensação de se estar vivenciando a forma primitiva em que os folhetos eram vendidos.

A previsão do tempo para a oficina será de quatro horas, aproximadamente o de um turno escolar, com intervalo para um lanche.

Materiais utilizados: Datashow, quadro branco, pincéis, folhas de papel ofício e cartolina.

O cordel pré-estabelecido para leitura e análise na intervenção pedagógica (oficina de leitura) será o que se analisou ao longo deste trabalho: *Viagem a São Saruê* de Manuel Camilo dos Santos.

### ETAPA I (leitura, compreensão e interpretação)

Antes de se iniciar a leitura será feito oralmente um levantamento prévio do que os alunos já sabem sobre cordel. Serão feitas as seguintes perguntas:

O texto que vamos ler e analisar é um cordel. Todos conhecem o cordel?

O título desse cordel é *Viagem a São Saruê*. Como vocês imaginam ser essa viagem? Já ouviram falar desse lugar? Qual seria o meio de transporte para se chegar lá? Vocês gostariam de fazer essa viagem? Vocês consideram que a leitura, também é uma viagem? Vamos fazê-la, então?

Segundo propõe Cosson (2019) a leitura terá dois momentos: o primeiro que ele chama de leitura de reconhecimento, feita silenciosamente pelos alunos e a segunda denominada, oral ou expressiva feita pelo professor ou em forma de jogral. Em se tratando de cordel que é formado por estrofes, será solicitado que cada participante leia uma estrofe.

Concluídas as leituras, serão dirigidas novas perguntas aos participantes: vocês gostaram do texto? As hipóteses levantadas sobre ele se confirmaram? Qual parte vocês mais gostaram? Perceberam alguma diferença do texto lido para outro qualquer?

Até aqui serão feitas as considerações sobre o que se entendeu da leitura, da personagem, da temática do texto, das particularidades percebidas pelos alunos sobre o que leram, da intertextualidade, sobre o desejo de vida farta, sem sofrimento e sem trabalho. Serão feitas as leituras das passagens bíblicas e da idade do ouro que aparecem na dissertação para que os alunos relacionem textos de diferentes estilos e diferentes épocas ao que foi lido no texto. Momento em que o condutor da oficina mostrará aos alunos a abrangência e a versatilidade do cordel.

Uma atividade de leitura com cordel divertida que fará parte da oficina é a leitura de uma peleja, (providenciada pelo professor) e feita por dois participantes que tiverem mais desenvoltura. Momento em que o professor falará da importância da entonação e da emoção que deve existir nos textos poéticos e/ou rimados. Para dar mais autenticidade à leitura, cada participante terá acesso, somente à sua fala.

#### ETAPA II (conhecimento das particularidades do gênero)

Nessa etapa da oficina, será o momento para se mostrar aos alunos as estrofes, as rimas, a escansão (contagem das sílabas poéticas) e os esquemas de rima. Deverá ser feita nova leitura, uma vez que os alunos têm conhecimento do texto, com mais ênfase, mais ritmo e perguntar qual das duas leituras teve mais expressividade e conseqüentemente mais beleza. Certamente eles irão perceber que a contagem das sílabas sendo iguais, promoverá o ritmo, como também as rimas servirão para formar a sonoridade, próprias do cordel.

#### ETAPA III (técnicas de produção)

Quase sempre quem participa de uma oficina de cordel, deseja aventurar-se na produção de um, como experimentação da aprendizagem e/ou para seguir em frente como cordelista. Essas técnicas, embora estejam mais voltadas para a produção, são importantes também para quem deseja apenas ler e conhecer bem o gênero.

Passo número 1 – treinar bem a contagem das sílabas poéticas em textos diferentes até que se sinta seguro para produzir seus próprios versos., percebendo que há diferença das sílabas gramaticais para as sílabas poéticas.

Exemplo: a) sílabas gramaticais: “Mi/nha/ ter/ra /tem/ pal/mei/ras/ ( 8 sílabas )

On/de/ can/ta o/ sa/bi/á”

Exemplo: b) sílabas poéticas: “Mi/nha/ te/rra/ tem/ pal/**mei**/ras ( 7 sílabas )

On/de/ can/ta o/ sa/bi/**á**”

Há duas diferenças básicas entre as sílabas gramaticais e as poéticas. Nas sílabas poéticas a contagem é feita somente até a última sílaba tônica do verso. (é necessário que o participante tenha conhecimento desse assunto, caso contrário, terá que se ensinar). Observem as sílabas destacadas em negrito. No primeiro verso conta-se até “mei” que é a última sílaba tônica do verso, no segundo, até “á”. Outra diferença é que quando uma palavra termina com vogal e a próxima, começa também com vogal, conta-se apenas uma sílaba. Exemplo: can/**ta o**/ sabiá.

Uma observação que favorece a contagem das sílabas poéticas para principiantes é ler uma estrofe bem feita, em voz alta e perceber os impulsos dados. Pode, para facilitar, contar nos dedos.

Uma condição *si ne qua nom* para quem deseja escrever é ser criativo, ler muitos cordéis, especialmente os bons, pois muita gente se aventura a escrever e até publicar um folheto de cordel, sem a métrica perfeita, sem manter o mesmo esquema de rimas e sem uma temática criativa. Segundo Masseda (2018, p.11):

*Cordel não tem compromisso  
Com norma culta ou padrão  
Mas fazer rima não basta  
Sem despertar emoção  
Tem que ser bem humorado  
Pra divertir o povão*

De acordo com os versos citados, o que se espera no cordel não é rigor na ortografia, concordância e regência perfeitos. Muitos dos grandes poetas cordelistas eram simples e sem graduação acadêmica, mas dominavam perfeitamente as técnicas de produção e excediam em criatividade.

Com exceção da criatividade, (que é inerente a cada um e não se pode ensinar), na oficina, serão dadas algumas técnicas que facilitarão aos que quiserem produzir:

- Pensar num tema criativo
- Buscar palavras que rimem e/ou sejam do mesmo campo semântico exemplo: (história-memória-vitória); (Jesus-cruz-luz); (viagem-passagem-bagagem); (lua-rua-nua). Encontrando essas três palavras que formarão a rima no esquema **A B C B D B** o candidato já tem as palavras finais dos versos que rimam, podendo até criar neologismos interessantes e coerentes.
- Inverter as palavras da frase (hipérbato) é uma técnica muito usada. Exemplo: de “seus lábios” para “lábios seus”. Observe que a palavra “lábios traz muito mais dificuldade para se encontrar outra que rime com ela.
- Observar se a palavra é difícil de ser rimada. Caso seja, é melhor mudar para outra. Mas deve-se evitar rimas muito banais (pobres).
- Convém principiar com uma quadra bem feita com métrica e rimas perfeitas. Com esquema que desejar: **A B A B ; A A B B** ou **A B B A**.
- Uma técnica que ajuda ao principiante é a supressão, inicialmente de uma palavra que forma rima com outra já existente, para que ele complete adequadamente sem perda de sentido, posteriormente pode-se suprimir o verso inteiro e até mesmo a estrofe.

## AVALIAÇÃO

Pretende-se que ao final da oficina, os alunos todos estejam motivados a ler, que é o principal objetivo da intervenção, começando pelo cordel e migrando para outras leituras que lhes forem convenientes, com competência. Não se tem a pretensão de achar que todo o problema de leitura seja resolvido com essa proposta, mas atividades como essa contribuirão em muito com a formação leitora dos estudantes.

Serão distribuídas as cartolinas em que os alunos, pode ser em dupla, escreverão nela o seu cordel com o tema do cordel estudado: felicidade plena e eterna, e depois da leitura para os colegas e feitas as socializações serão afixados no pátio da escola para leitura da comunidade escolar. Finalizando, pode-se pensar num projeto pedagógico para toda a instituição de ensino.

## 7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora se tenha trazido algumas informações importantes, discorrer sobre o cordel em todos os aspectos, históricos, sociais, temáticos, de autoria, contexto de produção e outros além de tornar uma pesquisa bibliográfica muito extensa, corria-se o risco de se perder o foco dela.

Assim, em consenso, definiu-se optar por um, somente, que trouxesse uma temática instigante e encontrou-se no referido cordel um “casamento perfeito” com a mitológica Idade do Ouro”. Acredita-se que este trabalho não seja inédito nessa temática (há artigos diversos sobre o assunto), mas certamente contribuirá para o conhecimento de muitos (especialmente dos estudantes) dessa tão desejada e procurada felicidade, por todas as gerações.

Mudam as gerações, mudam-se as nomenclaturas e definições, mas a essência é a mesma: para o cristianismo, a felicidade plena e eterna foi perdida no Jardim do Éden, mas com possibilidade de os cristãos reavê-la no juízo final. Na introdução deste trabalho são apresentadas outras vertentes de crenças, pois há muitas maneiras de se ver o mesmo objeto, mas como foi exposto, mesmo inconscientemente todos anseiam a mesma coisa.

Provavelmente Manuel Camilo dos Santos quando se sentou para escrever o cordel analisado não pensou na mitologia grega, nem em Hesíodo, que primeiro escreveu sobre o assunto. Certamente ele colocou no papel o que estava no inconsciente dele e de muitos: a libertação da fadiga e do sofrimento que tanto flagela os menos favorecidos, conforme o que está na estrofe: *“Tudo lá é bom e fácil/ não precisa se comprar/não há fome nem doença/o povo vive a gozar/tem tudo e não falta nada/ sem precisar trabalhar”*

O cordel traz também, além da fartura de comida, vestimenta e prazer absoluto em tudo, um aspecto que interessa muito ao ambiente acadêmico: trata da aprendizagem. Embora tire a função da escola, valoriza as competências básicas necessárias. Os meninos nascem falando e já sabem ler, escrever e contar. Ainda nas coisas concernentes à escola, e à literatura, o narrador menciona que os dias em que ele passou em São Saruê, ocupou-se apenas em recitar poesia. Fica subentendido que num lugar maravilhoso, de grande fartura, não prescinde o prazer que se encontra na literatura. Ela terá sempre espaço, em qualquer lugar e em qualquer circunstância.



Este trabalho pautou-se na tríade: cordel, idade do ouro e educação. Analisou um cordel que trouxe como temática, uma viagem imaginária a um país também imaginário e perfeito. Um cordel que convida ao leitor, pensar. Ser sujeito do seu próprio ser. Sugere ainda viajar pela literatura e exalta o pensamento com alta formação: Doutor e Mestre. Esses títulos atribuídos ao pensamento não são sem razão, observe-se que a titulação mais alta vem em primeiro plano. A literatura, especialmente na leitura fantástica, contribui para formar um sujeito pensante, reflexivo.

O texto *Viagem a São Saruê* não trata da organização política do país, qual forma de governo, mas deduz-se que num lugar de tanta beleza e felicidade no povo não haja espaço para a opressão e tirania. Mesmo numa condição surreal, o leitor pensante pode analisar e associar com sua realidade: É possível termos também boa saúde, segurança em nossa sociedade? Será que minhas escolhas e atitudes estão coerentes e contribuem para o bem coletivo?

Assim, toda produção literária, embora fictícia, está carregada de ideologias. Todo texto é um intertexto. Ninguém escreve do nada, dessa forma, numa leitura mais profunda, que é o que se pretende ensinar aos alunos, vai sempre se encontrar vestígios de outras leituras e de outros pensamentos.

Finalmente pretendeu-se analisar e propor o cordel como uma leitura agradável e não só como entretenimento, mas também como instrumento didático e de transformação social.

## REFERÊNCIAS

- ALENCAR, José de. **Iracema**. 24 Ed. São Paulo: Ática, 1991.
- ANDRADE, Oswald. **Primeiro caderno do aluno de poesia Oswald de Andrade**. São Paulo: Globo, 2005.
- ANTUNES, Irlandé. **Aula de português**. Encontro e Interação. São Paulo: Parábola Editorial, 2003.
- ASSARÉ, Patativa do. **Antológica entrevista concedida a Jô Soares**. São Paulo: 1993.
- BAKHTIN, Michael. **Estética da Criação Verbal**. 4 Ed. São Paulo: Martins fontes, 2003.
- BARROS, Leandro Gomes de. O marco brasileiro. In: MEDEIROS, Irani (org.). **No reino da poesia sertaneja**. João Pessoa: Idéia, 2002. p. 214-217.
- BÍBLIA, A. T. Gênesis. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada contendo o Antigo e Novo Testamento**. 2 Ed. Tradução de João Ferreira Gomes, São Paulo: Geográfica, 2013.
- BÍBLIA, N. T. Apocalipse. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada contendo o Antigo e Novo Testamento**. 2 Ed. Tradução de João Ferreira Gomes, São Paulo: Geográfica, 2013.
- BOFF, Leonardo. **A águia e a galinha, a metáfora da condição humana**. 40 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- BORDINI, Maria da Glória. AGUIAR, Vera Teixeira de. **A formação do Leitor**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1988
- BRASIL. Ministério da Educação e Cultura. **Parâmetros Curriculares Nacionais: ensino médio**. Brasília: Ministério da Educação, 1999
- BRAIT, Beth (org). **Bakhtin: conceitos-chave**. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2017.
- CARVALHO, Gilmar de. **Cem Patativa**. Fortaleza: Omni, 2009.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário**. Teoria e prática. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2019.
- DESCARTES, René. **Discurso do método**. Trad. J. Guinsburg; Bento Prado Junior. SP: Abril Cultural, 1979.
- DIEGUES JÚNIOR, Manuel. **Coleção de textos da Língua Portuguesa Moderna**. Belo Horizonte: Editora Itatiaia Limitada, 1986.

FIORIN, José Luiz (org). **Introdução à Linguística I**. Objetos teóricos. 6ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.

FIORIN, José Luiz (org). **Introdução à Linguística II**. Princípios de análise. 4ª ed. São Paulo. Contexto, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. SP: Paz e Terra, 1996.

GALVÃO, Ana Maria de Oliveira. **Cordel: leitores e ouvintes**. 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2010.

GERALDI, João Wanderley (org). **O texto na sala de aula**. São Paulo: Editora Ática, 1997

HESÍODO. **Teogonia**. São Paulo: Hedra, 2013.

HOLANDA, Sergio Buarque de. **Visão do Paraíso**. 6ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

KOCH, Ingedore Vilaça; ELIAS, Vanda Maria 3ª ed. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. São Paulo: Contexto, 2017.

KOCH, Ingedore Vilaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3ª ed. São Paulo: Contexto, 2018

KOCH, Ingedore Vilaça; ELIAS, Vanda Maria. **Desvendando os segredos do texto**. 7ª ed. São Paulo: Cortez, 2011

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. 7ª ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2013

LUCK, Heloísa. **Metodologia de Projetos- Uma ferramenta de planejamento e gestão**. 7ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. 6ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. 3ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1997.

MASSEDA. **Histórias para boi dormir em gêneros diversos**. João Pessoa: Ideia, 2018.

MATOS, Henrique Cristiano José. **Aprenda a Estudar: orientações metodológicas para o estudo**. 16ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

MARCUSCHI, Luís Antônio. **Produção Textual, Análise de Gêneros e compreensão**. 1ª ed. São Paulo: Parábola, 2008.

MARINHO, Ana Cristina e PINHEIRO Hélder. **O cordel no cotidiano escolar**. São Paulo: Cortez, 2012

MINOIS, Georges. **A idade de ouro**: História da busca da felicidade. São Paulo: Unesp, 2011.

MORAES, Vinícius de. **Novos Poemas (II)**. Rio de Janeiro: São José, 1959.  
ORLANDI, Eni Puccinelli. **Autoria, leitura e efeitos do trabalho simbólico**. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Discurso e leitura**. 8ª ed. São Paulo: Cortez, 2008

PHILLIPS, John. **San Francisco**. By Scott McKenzie. EUA: 1967.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola**. 7ª ed. Campinas, SP: Mercado de letras, 2001

PROENÇA, Ivan Cavalcanti. **A ideologia do cordel**. 3ª ed. Rio de Janeiro: Plurarte, 1982.

SOUSA, Elri Bandeira de. **Exercício em verso e prosa**. João Pessoa: Ideia, 2017.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

TEJO, Orlando. **Zé Limeira: Poeta do absurdo**. 10ª ed. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2000

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. **Gramática ensino Plural**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

TROUSSON, Raymond. La Cite, l'Architecture et les Arts em Utopie. **Morus: Utopia e Renascimento**. Campinas: Unicamp, 2004, n. 1, p. 35-53.

TROUSSON, Raymond. Utopia e Utopismo. **Morus: Utopia e Renascimento**. Campinas: Unicamp, 2005, n. 2, p. 123-135.

VIANA, Arievaldo (org). **Acorda cordel na sala de aula**. 2ª ed. Fortaleza: Gráfica Encaixe, 2010.

WAGNER, D. **Alfabetização**: construindo o futuro [online]. Genebra: Unesco; 2000. Disponível em: URL:<http://unesdoc.unesco.org>. Acesso em 27 fev. 2020.

WHITNEY, W D. **A vida da linguagem**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010

ZILBERMAN, Regina (org). **Leitura em crise na escola**. 11ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993

## ANEXOS

### ANEXO 1 *Cordel Viagem a São Saruê de Manoel Camilo dos Santos*

#### VIAGEM A SÃO SARUÊ

*Doutor mestre pensamento  
me disse um dia: -Você  
Camilo vá visitar  
o país São Saruê  
pois é o lugar melhor  
que neste mundo se vê.*

*Eu que desde pequenino  
sempre ouvia falar  
nesse tal São Saruê  
destinei-me a viajar  
com ordem do pensamento  
fui conhecer o lugar.*

*Iniciei a viagem  
as quatro da madrugada  
tomei o carro da brisa  
passei pela alvorada  
junto do quebrar da barra  
eu vi a aurora abismada.*

*Pela aragem matutina  
eu avistei bem defronte  
a irmã da linda aurora  
que se banhava na fonte  
já o sol vinha espargindo  
no além do horizonte.*

*Surgiu o dia risonho  
na primavera imponente  
as horas passavam lentas  
o espaço incandescente  
transformava a brisa mansa  
em um mormaço dolente.*

*Passei do carro da brisa  
para o carro do mormaço  
o qual veloz penetrou  
no além do grande espaço  
nos confins do horizonte*

*senti do dia o cansaço.*

*Enquanto a tarde caía  
entre mistério e segredos  
a viração docilmente  
afagava os arvoredos  
os últimos raios de sol  
bordavam os altos penedos.*

*Morreu a tarde e a noite  
assumiu sua chefia  
deixei o mormaço e passei  
pro carro da neve fria  
vi os mistérios da noite  
esperando pelo dia.*

*Ao surgir da nova aurora  
senti o carro pairar  
olhei e vi uma praia  
sublime de encantar  
o mar revolto banhando  
as dumas [sic] da beira mar.*

*Avistei uma cidade  
como nunca vi igual  
toda coberta de ouro  
e forrada de cristal  
ali não existe pobre  
é tudo rico em geral.*

*Uma barra de ouro puro  
servindo de placa eu vi  
com as letras de brilhante  
chegando mais perto eu li  
dizia: - São Saruê  
é este lugar aqui.*

*Quando avistei o povo  
fiquei de tudo abismado  
uma gente alegre e forte  
um povo civilizado  
bom, tratável e benfazejo  
por todos fui abraçado.*

*O povo em São Saruê  
tudo tem felicidade  
passa bem anda decente  
não há contrariedade  
não precisa trabalhar  
e tem dinheiro a [sic] vontade.*

*Lá os tijolos das casas  
são de cristal e marfim  
as portas barras de prata  
fechaduras de “rubim”  
as telhas folhas de ouro  
e o piso de sitim [sic].*

*Lá eu vi rios de leite  
barreiras de carne assada  
lagoas de mel de abelha  
atoleiros de coalhada  
açudes de vinho do porto  
montes de carne guisada.*

*As pedras em São Saruê  
são de queijo e rapadura  
as cacimbas são café  
já coado e com quentura  
de tudo assim por diante  
existe grande fartura.*

*Feijão lá nasce no mato  
maduro e já cozinhado  
o arroz nasce nas várzeas  
já prontinho e despoldado  
perú nasce de escôva  
sem comer vive cevado.*

*Galinha põe todo o dia  
invés de ovos é capão  
o trigo invés de sementes  
bota cachadas de pão  
manteiga lá cai das nuvens  
fazendo ruma no chão.*

*Os peixes lá são tão mansos  
com o povo acostumados  
saem do mar vem [sic] pras casas  
são grandes, gordos e cevados  
é só pegar e comer  
pois todos vivem guisados.*

*Tudo lá e bom e fácil  
não precisa se comprar  
não há fome nem doença  
o povo vive a gozar  
tem tudo e não falta nada  
sem precisar trabalhar.*

*Maniva lá não se planta  
nasce e invés de mandioca  
bota cachos de beijú  
e palmas de tapioca  
milho a espiga é pamonha  
e o pendão é pipoca.*

*As canas em São Saruê  
não tem bagaço (é gozado)  
umas são canos [sic] de mel  
outras açucar refinado  
as folhas são cinturão  
de pelica e bem cromado.*

*Lá os pés de casimira  
brim, borracha e tropical  
de naycron, belga e linho  
e o famoso diagonal  
já bota as roupas prontas  
próprias para o pessoal.*

*Os pés de chapéus de massa  
são tão grandes e carregados  
os de sapatos da moda  
têm cada cachos “aloprados”  
os pés de meias de sêda  
chega vive “escangalhados”.*

*Sítios de pés de dinheiro  
que faz chamar atenção  
os cachos de notas grandes  
chega arrastam pelo chão  
as moitas de prata e ouro  
são mesmo que algodão.*

*Os pés de notas de mil  
carregam chega encapota  
pode tirar-se a [sic] vontade  
quanto mais tira mais bota  
além dos cachos que tem  
casca e folha tudo é nota*

*Lá quando nasce menino  
não dar [sic] trabalho a criar  
já é falando e já sabe  
ler, escrever e contar  
salta, corre, canta e faz  
tudo quanto se mandar.*

*Lá não se ver [sic] mulher feia*



*e toda moça é formosa  
bem educada e decente  
bem trajada e amistosa  
é qual um jardim de fadas  
repleto de cravo e rosa.*

*Lá tem um rio chamado  
o banho da mocidade  
onde um velho de cem anos  
tomando banho a [sic] vontade  
quando sai fora parece  
ter vinte anos de idade.*

*É um lugar magnífico  
onde eu passei muitos dias  
bem satisfeito e gozando  
prazer, saúde, alegrias  
todo esse tempo ocupei-me  
em recitar poesias.*

*Lá existe tudo quanto é beleza  
tudo quanto é bom, belo bonito  
parece um lugar santo e bendito  
ou um jardim da divina Natureza:  
imita muito bem pela grandeza  
a terra da antiga promessa [sic]  
para onde Moisés e Aarão  
conduziam o povo de Israel,  
onde dizem que corriam leite e mel  
e caía manjar do céu no chão.*

*Tudo lá é festa e harmonia  
amor, paz, benquerer, felicidade  
descanso, sossego e amizade  
prazer, tranquilidade e alegria;  
na véspera de eu sair naquele dia  
um discurso poético, lá eu fiz,  
me deram a mandado de um juiz  
um anel de brilhante e de “rubim”  
no qual um letreiro diz assim:  
- é feliz quem visita este país.*

*Vou terminar avisando  
a qualquer um amiguinho  
que quizer [sic] ir para lá  
posso ensinar o caminho,  
porém só ensino a quem  
me comprar um folhetinho.*

FIM

**ANEXO 2 Cordel: Pobre Cordel Pobre****POBRE CORDEL POBRE**

*(Masseda)*

*Por onde andam os cordéis  
Que tanto encantavam o povo  
Nas asas emocionantes  
Do Pavão Misterioso  
Dos bravos Heróis e mitos  
Vencendo monstro feroso*

*Cordel não tem compromisso  
Com norma culta ou padrão  
Mas fazer rima não basta  
Sem despertar emoção  
Tem que ser bem humorado  
Pra divertir o povão*

*O cordel veio de longe  
Chegou com os portugueses  
Mas em terras brasileiras  
Teve um montão de fregueses  
Trazendo várias culturas  
Dos francos, turcos e ingleses*

*Do trovadorismo vindo  
Lá das terras estrangeiras  
Virou a literatura  
Das nossas praças e feiras  
Caiu no gosto do povo  
Do nordeste brasileiro*

*Nos cantos mais arredios  
Dos rincões desta nação  
Distante dos centros urbanos  
Quase sem ter diversão  
O cordel trazia o mundo  
Mais pra perto do povão*

*Mas eu tô sentindo falta*

*Dos cordéis interessantes  
Das histórias criativas  
De tanto caso importante  
Hoje parece que faltam  
Os versos que havia antes*

*O cordel está morrendo  
Por falta de inspiração  
Há pobreza nas palavras  
Muitas de baixo calão  
O tema mais recorrente  
É homem, mulher e traição*

*Se você quiser fazer  
Cordel de primeira linha  
Solte as asas da emoção  
Busque palavras que rimam  
Faça a contagem poética  
Que dá a conta certinha*

*Sete sílabas poéticas  
É tradição do cordel  
Cada estrofe com seis versos  
A mais B e C de céu  
B mais D e B no esquema  
O resto é tinta e papel*

*O cordel tem sua origem  
Não só em corda e cordão  
Mas como diz o poeta  
Que fala com emoção  
Vem de um comboio de cordas  
Que se chama coração.*